

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA EAD**

**IARA CIRILO DA SILVA FERREIRA
JOZILENE DE SOUZA COSTA SANTANA
WELLINGTON NUNES VITÓRIA**

**OLHARES AUTOBIOGRÁFICOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS – MODALIDADE A DISTÂNCIA
(2017-2021)**

GOIÂNIA 2021

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

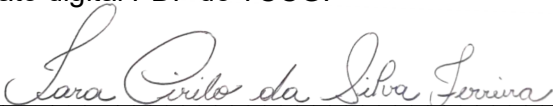
Nomes completos dos autores: IARA CIRILO DA SILVA FERREIRA, JOZILENE DE SOUZA COSTA SANTANA, WELLINGTON NUNES VITÓRIA.

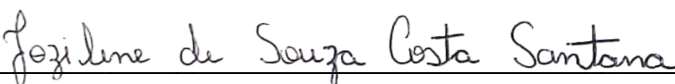
Título do trabalho: **OLHARES AUTOBIOGRÁFICOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA
FORMATIVA NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS
– MODALIDADE A DISTÂNCIA (2017-2021)**

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO⁵

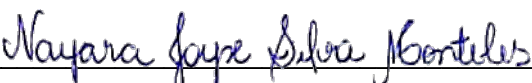
Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.







Assinatura dos autores

Ciente e de acordo: 

Assinatura orientadora

Goiânia, 09 de novembro de 2021.

5 - Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA EAD**

**Iara Cirilo da Silva Ferreira
Jozilene de Souza Costa Santana
Wellington Nunes Vitória**

**OLHARES AUTOBIOGRÁFICOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS – MODALIDADE A DISTÂNCIA
(2017-2021)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciados em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Orientadora: Prof^a Dra. Nayara Joyse Silva Monteles

GOIÂNIA 2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Ferreira, Iara Cirilo da Silva
OLHARES AUTOBIOGRÁFICOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA
FORMATIVA NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS –
MODALIDADE A DISTÂNCIA (2017-2021) [manuscrito] / Iara Cirilo da
Silva Ferreira, Jozilene de Souza Costa Santana, Wellington Nunes
Vitória. - 2021.
78 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Nayara Joyse Silva Monteles.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2021.

Bibliografia.

Inclui siglas, fotografias, lista de figuras.

1. Autobiografia. 2. Ensino de Artes Visuais. 3. Formação Docente.
4. Histórias de vida. I. Santana, Jozilene de Souza Costa. II. Vitória,
Wellington Nunes. III. Monteles, Nayara Joyse Silva, orient. IV. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) nove dia(s) do mês de novembro do ano de 2021 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "OLHARES AUTOBIOGRÁFICOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS - MODALIDADE A DISTÂNCIA (2017-2021)", de autoria de Lara Cirilo da Silva Ferreira, Jozilene de Souza Costa Santana e Wellington Nunes Vitória, do curso de Licenciatura em Artes Visuais - EaD, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Prof^o Dra. Nayara Joyse Silva Monteles (FAV/UFG) - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof^a Dra. Noeli Batista dos Santos (FAV/UFG) e Prof^a Esp. Maria de Fátima França Rosa (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição dos estudantes. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **NAYARA JOYSE SILVA MONTELES, Usuário Externo**, em 22/11/2021, às 15:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 22/11/2021, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DE FATIMA FRANCA ROSA, Usuário Externo**, em 22/11/2021, às 19:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2510443** e o código CRC **42B713BE**.

Agradecimentos:

Iara:

Gratidão ao meu Deus por estar aqui, me sustentando!

Agradeço ao meu esposo Sidney e meu filho Davi Miguel que esteve do meu lado dando forças para que eu continuasse a caminhada. Minha eterna gratidão aos meus amigos parceiros da jornada Wellington e Jozilene por não me deixarem desistir. Fica também aqui os meus agradecimentos aos professores e todas as pessoas que passaram na minha vida nessa trajetória do curso. Em especial, as professoras Noeli Batista, Valéria Cabral, Leda Guimarães, Maria de Fátima e nossa orientadora professora Nayara Monteles. Gratidão é a palavra!

Jozilene:

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para continuar e enfrentar os obstáculos encontrados nessa jornada.

Ao meu esposo Leandro e filho Davi, pela paciência, amor, e dedicação. Aos professores e colegas da faculdade que foram essenciais para a minha formação. A nossa orientadora professora Nayara Monteles, pelo apoio, incentivo, dedicação que foram fundamentais nessa etapa final.

Wellington:

Deixo toda minha gratidão e reconhecimento a Deus por me fortalecer em tempos tão difíceis e de saudades.

Agradeço à Universidade Federal de Goiás, ao Corpo Docente da Faculdade de Artes Visuais, à Coordenação do Curso, aos Técnicos Administrativos e aos Colegas que se fizeram presentes e contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional. Deixo meu agradecimento especial a nossa orientadora professora Nayara Monteles que com sua empatia nos motivou a perseverar e concluir essa etapa tão importante do nosso processo formativo e as professoras Noeli Batista e Maria de Fátima pelas contribuições e carinho. Dedico esse trabalho a todos que, de alguma forma, me incentivaram e me ajudaram a chegar até aqui.

OLHARES AUTOBIOGRÁFICOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS – MODALIDADE A DISTÂNCIA (2017-2021)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo percorrer os relatos de vida de três discentes do curso de Licenciatura em Artes Visuais - modalidade a distância, por meio de experiências e narrativas pessoais, evidenciando a trajetória nas aulas de artes visuais durante a educação básica e no processo formativo do curso de graduação, entre os anos 2017 a 2021. Analisando e compreendendo possíveis diálogos entre as individualidades e especificidades de cada um do grupo, buscando reflexões, pautadas na experiência, memória e trajetória, por meio de relatos (auto)biográficos. Destacando disciplinas de ateliê de artes visuais, sócio-históricas e pedagógicas que demarcaram transformações e contribuíram de forma consensual na trajetória formativa do grupo. Descrevendo as dificuldades e superações diante do impacto da pandemia da Covid-19, bem como as aspirações quanto a inserção no mercado de trabalho, transformações pessoais e ressignificação do ensino de Artes Visuais.

PALAVRAS CHAVES: Autobiografia; Ensino de Artes Visuais; Formação Docente; Histórias de vida.

AUTOBIOGRAPHICAL VIEWS FROM THE TRAINING EXPERIENCE IN THE LICENSING COURSE IN VISUAL ARTS - DISTANCE MODALITY (2017-2021)

ABSTRACT

This current academic work covers the life testimonials of three students from a Degree course in the Visual Arts - remote learning, through experiences and personal narratives, evidencing the trajectory in visual arts classes during Primary and High school and in the formative process of the undergraduate course, between the years 2017 to 2021. Analysing and understanding possible dialogues between individuals and specifics from each one of the group, seeking reflections, based on experience, memory and personal trajectory, through (self)biographical reports. Highlighting visual arts studio disciplines, socio-historical and educational aspects that marked transformations and contributed to the formative trajectory of the group in a consensual way . Describing the difficulties and overcoming them given the impact of the Covid-19 pandemic, as well as the aspirations for diversity and inclusion in the labour market, changes to personal circumstances and reframing the teaching of the Visual Arts.

KEYWORDS: Autobiography; Teaching of Visual Arts; Teacher Training; Life Stories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS - REVISITANDO OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO EM ARTES VISUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO.....	14
1.1 Trajetória Acadêmica: Jozilene de Souza Costa Santana.....	14
1.2 Trajetória Acadêmica: Wellington Nunes Vitória.....	16
1.3 Trajetória Acadêmica: Iara Cirilo da Silva Ferreira.....	20
2 NARRATIVAS DOS PERCURSOS COMO DISCENTES NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS MODALIDADE A DISTÂNCIA DA FACULDADE DE ARTES VISUAIS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS	24
2.1 Narrativas sobre a Experiência nas Disciplinas de Ateliê de Artes Visuais	32
2.2 Narrativas a partir das Disciplinas Sócio-Históricas e Pedagógicas	44
2.3 Narrativas sobre os Recursos Metodológicos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a Distância (2017-2021).....	60
3 O IMPACTO DA COVID-19 EM NOSSO PROCESSO FORMATIVO	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Centro Ensino Fundamental 12 – Ceilândia.....	14
Figura 2: Cópia de desenho a partir de papel de seda.....	15
Figura 3: Máscaras de gesso.....	15
Figura 4: Foto de data comemorativa (Natal) na escola A Cirandinha – dezembro de 1982.....	16
Figura 5: Fotografia de recordação da quarta série.....	17
Figura 6: Flor de papel crepom.....	19
Figura 7: Rabiscos infantis na pré-alfabetização.....	20
Figura 8: Fotografia de recordação da primeira série.....	21
Figura 9: Fotografia de festa junina.....	22
Figura 10: Processo de impressão do rosto em tecido.....	33
Figura 11: Autorretrato da impressão do rosto em tecido.....	33
Figura 12: Autorretratos - pintura acrílica sobre papel.....	34
Figura 13: Autorretrato - pintura acrílica sobre papel.....	34
Figura 14: Mapa poético/reflexivo – Iara.....	41
Figura 15: Mapa poético/reflexivo – Jozilene	41
Figura 16: Recorte do vídeo de construção do mapa poético – Wellington.....	42
Figura 17: Resultado do processo poético – Wellington.....	44
Figura 18: Iara auxiliando nos cuidados de sua tia.....	66
Figura 19: Imagem da última vídeochamada com a mãe e irmãs.....	67
Figura 20: Reencontro do Grupo para realização da prova do Enade – novembro de 2021.....	69

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa refletimos e estabelecemos diálogos a partir de nossas experiências e trajetórias estudantis e de nossos processos de formação em Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância, da Faculdade de Artes Visuais (FAV), da Universidade Federal de Goiás – UFG, entre o ano de 2017 a 2021. Perpassamos por nossas histórias de vida singular - plural, através de narrativas e memórias (três discentes), que em grupo nos propusemos a pensar e ponderar nossos caminhos nas aulas de artes visuais desde a alfabetização até nesse momento em que concluímos a graduação.

Correlacionamos essas vivências na sala de aula desde a educação básica até a opção por uma graduação em Licenciatura em Artes Visuais, analisando e compreendendo possíveis pontos de intersecção e reflexão, pautados na experiência, memória e trajetória de cada um do grupo, por meio de relatos (auto)biográficos.

De acordo com JOSSO (2007, p. 431):

As práticas de reflexão sobre si, que oferecem as histórias de vida escritas centradas sobre a formação, comumente se apresentam como laboratórios de compreensão de nossa aprendizagem do ofício de viver num mundo móvel, globalmente não-dominado e, no entanto, parcialmente dominável na medida das individualidades, que se faz e se desfaz sem cessar e que põe em cheque a crença em uma “identidade adquirida”, em benefício de uma existencialidade sempre em obra, sempre em construção.

Assim, reconhecemos a importância de narrarmos nesta fase a experiência de formação como docentes de artes visuais em um curso na modalidade a distância, principalmente em um momento em que se discute com maior ênfase o uso de tecnologias digitais aplicadas à educação devido à situação de pandemia ocasionada pela COVID-19. Enfatizamos que somos seres em construção, em todas as áreas, construímos nossa identidade social, familiar, profissional, pedagógica, espiritual, etc. O exercício de pensar e repensar nossa prática dentro de um processo de formação trouxe reflexões em relação às nossas escolhas. A partir do pensamento crítico e atentos aos nossos caminhos percorridos, aprimoramos nossos conhecimentos e nossa consciência formativa e pedagógica.

Essa pesquisa teve como objetivos específicos: promover a reflexão da trajetória escolar no ensino de artes visuais na educação básica; percorrer as trajetórias de vida, evidenciando as aulas de artes visuais no curso de Licenciatura em Artes Visuais, na modalidade a distância, e, para tanto, faz-se um recorte

temporal de 2017 a 2021; entender de que modo essa jornada de aprender no contexto de educação/formação contribui para nossa formação como docentes de artes visuais; pensar na formação dos docentes na época estudantil de cada um do grupo e nas suas práticas; refletir sobre os desafios e dificuldades ao longo do processo formativo em artes visuais.

No que se refere às questões metodológicas, optamos por trilhar nossa reflexão por meio de uma perspectiva (auto)biográfica com intuito de entrelaçar as experiências e inquietações únicas e individuais. Acerca do percurso metodológico NOGUEIRA, BARROS, ARAUJO, PIMENTA (2017, p. 468) destacam que,

[...] o percurso metodológico que cada pesquisador trilha em sua pesquisa deve possibilitar o deslocamento do pensamento, abrir possibilidades de ver os vários mundos no recorte de mundo que se deseja compreender. Nesse sentido, cabe sublinhar que toda metodologia foi e é reinventada. A pesquisa com histórias de vida é, assim, um processo de construção de conhecimento a partir da relação específica entre dois atores: pesquisador e sujeito pesquisador – pelo pesquisador, como método que pressupõe a existência de vínculo; pelo sujeito, participante da pesquisa que narra sua história, num dado momento de sua vida [...].

“[...] O método de história de vida participa da metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta” (NOGUEIRA; BARROS; ARAUJO; PIMENTA, 2017, p. 468). Nesta presente pesquisa passamos tanto pelos relatos biográficos como (auto)biográficos, pois buscamos em grupo por meio do exercício da memória, compreender como as escolhas interferiram em nosso projeto formativo e como a dialética nos auxiliou para que chegássemos ao consenso de nossa trajetória e como nos unimos nessa caminhada. Para tanto, revisamos algumas bibliografias do curso que nos orientaram e foram transformadoras e salutares na nossa formação.

Temos como referenciais teóricos autores como BARBOSA (2005), FREIRE (1996), MARTINS (2011), TOURINHO (2011), JOSSO (2007), NOGUEIRA; BARROS, ARAUJO, PIMENTA (2017), entre outros.

Há um caráter terapêutico nesse método e ético; uma dimensão interventiva, inscrita na escuta oferecida pelo pesquisador e no fato de que contar a história é recriá-la, é produzir uma leitura sobre as experiências vividas, produzir ressignificações e produzir uma escrita. O sujeito narrador da história não se limita, assim, a ser um “objeto” de pesquisa. (NOGUEIRA; BARROS; ARAUJO; PIMENTA, 2017, p. 469)

Para FREIRE (1996, p. 22) compreender que somos seres inacabados e termos essa consciência nos permite continuar, tendo consciência do nosso

processo de formação, que tem que ser permanente, uma vez que compreendemos que sempre podemos melhorar. Pensamos em nossas subjetividades, na construção das nossas identidades, buscando uma reflexão sobre nossa formação profissional, onde disciplinas impactaram de formas diferentes e algumas foram transformadoras da percepção e do pensamento do ser e estar como futuros docentes. Foi nessa caminhada iniciada há tempos, percebendo o presente, sendo impactados pelos percursos atuais e na superação dos obstáculos, bem como os desvios percorridos devido à pandemia da COVID-19, até a conclusão do curso, que a história de vida, a pesquisa autobiográfica e biográfica, nos permitiu aprofundar em nosso processo de formação, em nosso desenvolvimento docente e de nossa futura prática profissional, justificando essa pesquisa.

Nesse sentido, percebemos que se faz necessário apresentar os questionamentos que nos moveram ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, que foram: Quais contribuições, como estudantes e futuros professores de artes visuais, o curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância nos trouxe? Quais trajetórias, escolhas que foram feitas para se optar por uma licenciatura e para continuar perseverante até sua conclusão? Como superar os obstáculos e a dificuldade de um curso na modalidade a distância, diante da pandemia ocasionada pela COVID-19?

Diante disso, ressaltamos que nossa monografia está organizada em seções e subseções, ao todo são três seções. Nosso material escrito abordou, inicialmente, nossas trajetórias acadêmicas, revisitando os processos de formação em Artes Visuais no ensino fundamental e médio, de forma individual e em primeira pessoa, compreendendo que essa trajetória fez parte das formações em épocas, locais e espaços distintos. Desse modo, entendemos que nossa caminhada iniciou, ainda, na educação básica e todas as experiências contribuíram para nossa formação de sujeitos complexos e incompletos.

Posteriormente buscamos de forma conjunta discutir e refletir sobre o curso e nossa formação, através de nossas narrativas, desde a escolha do curso, o processo seletivo, os primeiros contatos, mudanças de trajetórias e conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância. Apresentamos, mesmo que brevemente, narrativas sobre experiências nas disciplinas de ateliê de artes visuais, nas sócio-históricas e pedagógicas. Além disso, relatamos sobre o impacto que a COVID-19 teve em nosso processo formativo.

1 TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS - REVISITANDO OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO EM ARTES VISUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Reconhecemos a importância da escrita da pesquisa em terceira pessoa no caso deste trabalho que é escrito a seis mãos. Contudo, nesta seção, especificamente, usamos a primeira pessoa para que cada um de nós tenha a oportunidade de apresentar-se. Compreendemos que a narrativa de experiência perpassa pelo olhar coletivo, mas também individual, entendemos que nesta etapa o olhar individual tem um peso relevante no sentido de que cada pessoa evidencie quem é e como deseja ser visto.

Assim, as narrativas que seguem são relatos individuais de nossas experiências anteriores até a chegada ao curso de artes visuais – licenciatura modalidade a distância na faculdade de artes visuais da Universidade Federal de Goiás. Um olhar individualizado, nesta fase, possibilita um aprofundamento sobre o “eu” e ao mesmo tempo sobre “nós”.

1.1 Trajetória Acadêmica: Jozilene de Souza Costa Santana

Meu nome é Jozilene de Souza Costa Santana, natural de Brasília – DF, cresci e iniciei meus estudos no Distrito Federal. Uma das minhas primeiras memórias dos tempos de escola foram quando cursei do 6º ano ao 8º ano, antigo 1º grau, na Escola Centro de Ensino Fundamental 12 do Setor, em Ceilândia, nos anos de 1996 a 1998, na época do 6º ano eu estava com 15 anos.

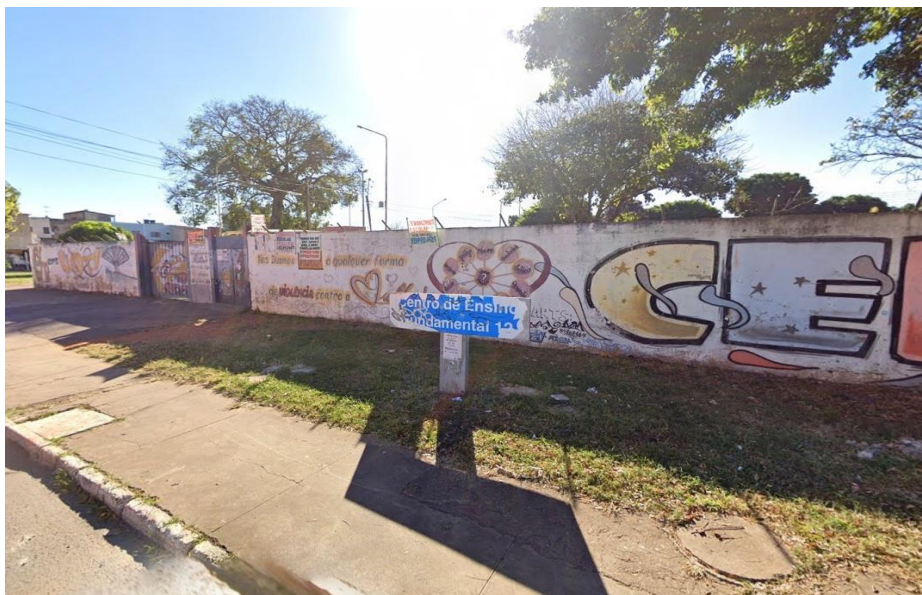


Figura 1: Centro Ensino Fundamental 12 – Ceilândia
Fonte: Reprodução/Google Street View Acesso em 20/08/2021.

As lembranças que tenho das aulas de artes visuais são poucas, mas me recordo do caderno de desenho com as folhas brancas e transparentes, mas a maioria eram desenhos feitos a partir de outros, ou seja, se utilizava a folha de seda, por ser translúcida para traçar as linhas dos desenhos que queríamos copiar. O primeiro que fiz foi de um autorretrato de Pablo Picasso, o qual não tenho mais. Outro desenho que fiz utilizando o mesmo processo foi de uma caricatura de um deputado da época chamado Paulo Octávio e tenho esse desenho guardado até hoje.

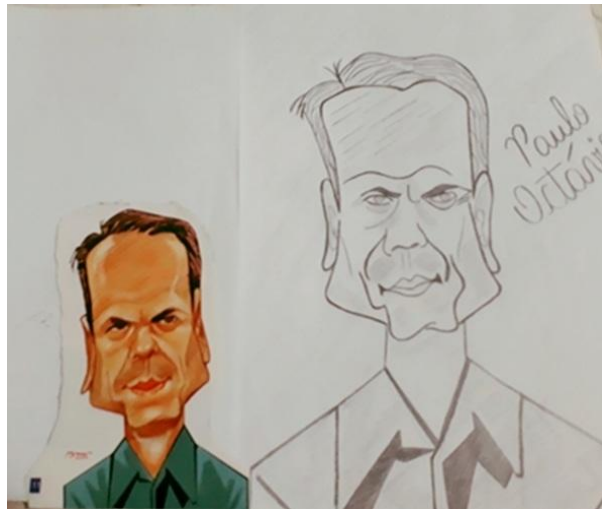


Figura 2: Cópia de desenho a partir de papel de seda. 1998
Fonte: Acervo pessoal - Jozilene

Outra aula que me recordo foi quando fiz uma máscara de gesso. Gostei muito dessa aula porque participei e tive na prática uma produção única a partir das orientações do professor. Foi utilizada atadura gessada, a mesma quando engessava algum membro que sofreu algum acidente. O professor moldava a máscara no nosso próprio rosto, técnica conhecida como modelagem facial. Depois de seco tirava a máscara do rosto e com ela nas mãos usamos nossa criatividade para pintá-la.



Figura 3: Máscaras de gesso.
Fonte: <https://arteseeducativas.files.wordpress.com/2014/02/mascarasgesso.jpg> Acesso em 30/08/2021.

Fiz o ensino médio no Centro de Ensino Médio 09 de Ceilândia, de 1999 a 2001. Lembro de algumas aulas de artes visuais, eram mais teóricas, não recordo de aulas práticas, estudamos arte rupestre, arte grega, arte romana, barroca. A professora em suas aulas nos apresentava imagens de cada época ou movimento artístico, elas fixam mais em minha memória, as obras que mais me marcaram foram: Mona Lisa (1503) de Leonardo da Vinci, Moça com o Brinco de Pérola (1665) de Johannes Vermeer, Abaporu (1928) e Operários (1933) de Tarsila do Amaral e Guernica (1937) de Pablo Picasso. Percebo a importância da formação e qualificação na área para que os docentes possam desenvolver uma aula atrativa e com técnica, fixando conteúdo e marcando nossas memórias.

1.2 Trajetória Acadêmica: Wellington Nunes Vitória

Meu nome é Wellington Nunes Vitória, comecei a estudar em escola formal com cinco anos de idade, como minha data de nascimento é 01/08/1975, comecei em 1981, quando já tinha a idade completa. Foi algo que sempre lembrei, pois eu era meses mais velho que outros alunos. Terminei o 2º grau em 1994, hoje chamado ensino médio.



Figura 4: Foto de data comemorativa (Natal) na escola A Cirandinha – dezembro de 1982. Da esquerda para a direita, minha mãe Juliana, a professora Irinema e a Diretora da escola que não recordo o nome.
Fonte: arquivo pessoal – Wellington

Iniciei a pré-alfabetização em uma escola particular chamada “A Cirandinha”, em Goiânia. Havia uma piscina que era feita com paredes de concreto acima do chão, e acredito que uma vez por mês a nossa recreação era tomar banho

nela. A lembrança que mais me chamou a atenção foi o fato, assim que entrei na escola, de ter visto a diretora (lado direito da foto, na figura 4) pela primeira vez, e ter ficado impressionado pela sua cor negra, que até então não tinha visto.

Em casa não tínhamos televisão e o acesso a imagens era apenas por jornais ou as raras revistas de corte e costura. Creio ser importante relatar tal experiência pelo contexto de uma infância limitada e por que hoje as imagens conseguem chegar a muitos lugares, por meio da televisão, celulares, pela internet. É importante trabalhar a diversidade de cores, gênero, sexo, origem, religiosa na escola para que possamos viver em uma sociedade igualitária sem preconceitos.

Dona Irinema veio me abraçar quando passei no vestibular, em 1994, na época para o curso de Química – bacharelado, na Universidade Federal de Goiás, me lembrou que havia sido ela que tinha me alfabetizado. Depois da pré-alfabetização, minha família passou por uma crise financeira muito grande, apesar de sermos de origem humilde, ainda não havia passado por tantas dificuldades como meus irmãos mais velhos, sou o mais novo de um total de nove filhos.

Então comecei a estudar em uma escola estadual, fiz parte do meu 1º grau e o 2º grau completo no Colégio Estadual José Lobo, no bairro Rodoviário, em Goiânia, colégio que funciona até hoje e vários dos meus irmãos também estudaram lá. Ele fica na esquina da rua da minha casa, nesse período os detalhes dos momentos da sala de aula não me recordo, pois faltava alimentação, roupas, esses fatos pesaram mais na minha memória que os momentos de aprendizagem.



Figura 5: Fotografia de recordação da quarta série. 1986
Fonte: arquivo pessoal - Wellington.

Fiz somente a quarta série em um colégio particular, chamado Anhanguera Júnior, em Goiânia, no ano de 1986, aos 11 anos, e depois retornei para o Colégio Estadual José Lobo. Mesmo local que anos depois me formaria como Tecnólogo em Processamento de Dados, em 1998, na antiga Faculdade Anhanguera, hoje Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA.

As salas do “José Lobo”, era como chamávamos o colégio, eram grandes, as carteiras de madeira, as janelas basculantes e grandes. O quadro era verde e pegava quase toda parede. Na saída da sala de aula, havia colunas de alvenaria estreitas, transversais e paralelas entre si, em frente as portas, para que os transeuntes ou os alunos não se vissem, garantindo a atenção durante a aula. O chão era de cimento queimado da cor vermelha. Os bebedouros eram torneiras com uma estrutura embaixo com azulejo branco. Havia uma quadra com pisos quadrados e vermelhos, com duas cestas de basquete e duas traves de futebol, havia também uma mesa com dois bancos paralelos feitos de alvenaria. Tinha a cozinha com uma porta horizontal onde pegávamos a merenda, tarefa feita pelos alunos escolhidos por semana. As telhas eram de cerâmica do tipo romano e o teto era de forro paulista.

Pensar nos primeiros contatos com a educação artística, me vem forte na memória os lápis de cores, o giz de cera, a tesoura escolar, cola e principalmente o caderno de desenho. Onde tínhamos folhas brancas intercaladas com folhas de seda, translúcidas para copiarmos desenhos, assim como a Jozilene descreveu na sua formação. Não havia uma direção, um ensino coeso em relação às artes visuais e a alfabetização visual. Entende-se aqui por alfabetização visual a capacidade de ver e interpretar imagens, em seu contexto estrutural, como os seus elementos básicos, bem como compreender o que a imagem comunica.

Existe uma memória afetiva sobre as festas juninas em escolas estaduais, onde todos da escola e comunidade participavam. Quem se apresentava na dança da quadrilha era dispensado da aula de educação artística e educação física para o ensaio. Ajudávamos também com as bandeirolas feitas com papéis de seda coloridos e colados em barbante com grude, um tipo de cola feito com polvilho e água levado ao fogo. Apesar de não lembrar os nomes dos professores, lembro de duas que tinham formação em português e educação física, respectivamente. As atividades se resumiam em fazer cópias de desenhos utilizando o papel de seda. Uma avaliação que me lembro bem eram as flores de papel crepom que seriam utilizadas na festa junina da escola.



Figura 6: Flor de papel crepom.

Fonte: <https://casaconstrucao.org/wp-content/uploads/2018/08/flor-de-papel-crepom7.jpg> Acesso em 20/08/2021.

Fazíamos também mosaicos utilizando páginas de revistas velhas e cola branca, criando imagens figurativas. Um processo já no primeiro ano do 2º grau, atual ensino médio, que não esqueço foi a transferência de imagens de revistas para outros suportes passando thinner ou acetona no verso. Sem nenhuma preocupação com o material tóxico utilizado.

A educação artística, como era denominada a disciplina de arte visuais nessa época, era fundamentada em práticas pedagógicas direcionadas que tirava a liberdade de expressão dos alunos, fazíamos meras cópias e participávamos da organização de datas comemorativas confeccionando badulaques, com ou sem festas. Não tinha nenhum conhecimento de técnicas, conhecimento de suportes, compreensão de imagens. Muito vagamente lembro-me de conceitos de história da arte, salvo nos livros de história e civilizações, uma pequena parte direcionada para os artefatos artísticos produzidos na época, apenas citando se era uma escultura, um desenho, uma pintura etc.

Em 2005, eu concluí o curso de Artes Visuais, bacharelado, com Habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade Federal de Goiás. Adquiri bastante conhecimento na área das Artes Visuais, tendo uma oportunidade única no meu processo formativo no conhecimento de técnicas nas aulas de ateliê, na história da arte e nas metodologias de pesquisa, me aprofundando nessas investigações na época. Mas em algum momento do curso, tive dificuldades em me ver como futuro profissional e acabei me indispondo com a arte de um modo geral e na minha inserção como artista visual no mercado de trabalho, motivo pelo qual não entrarei no relato dessa formação, mesmo reconhecendo o diferencial que ela possibilitou na minha formação, 12 anos após a sua conclusão, ao ingressar no curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância.

Todo esse relato, quase que emotivo, teve um objetivo: hoje discente de um curso a distância, percebo a necessidade da formação específica na área. O “não lembrar” não é apenas um lapso de memória, mas sim a relevância que essas aulas tiveram: muito pouca. Mas sabemos que as aulas eram assim.

1.3 Trajetória Acadêmica: Iara Cirilo da Silva Ferreira

Meu nome é Iara Cirilo da Silva Ferreira, iniciei meu ensino infantil com 7 anos de idade na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, no Setor Centro Oeste, em Goiânia, no ano 1987, atualmente, Centro Municipal de Educação Infantil-CEI, Associação da Criança Nossa Senhora das Graças. Minhas lembranças das aulas de artes na pré-alfabetização são poucas, naquele tempo chamado de educação artística, como relataram meus colegas Jozilene e Wellington.

Antes de aprender a escrever, na pré-alfabetização, as atividades eram rabiscos livres (Figura 7) para expressar o sentimento. Usávamos lápis de cor, giz de cera, tintas, pincéis, entre outros materiais para desenhar, estimulando nossa coordenação motora e que nos auxiliaria na alfabetização posteriormente. Acredito que o ensino de artes visuais na educação infantil é importante para auxiliar no desenvolvimento da expressão corporal e emocional das crianças. Dessa forma, os professores podiam usar diversos meios pedagógicos para aprimorar ainda mais as habilidades e capacidades artísticas, fazendo com que os alunos consigam desenvolver sua percepção do mundo, do espaço e da vida em família e sociedade.



Figura 7: Rabiscos infantis na pré-alfabetização.

Fonte: <https://maeemdia.com/2017/09/15/evolucao-dos-desenho-das-criancas/> Acesso em 13/09/2021.

No ensino de artes visuais percebo que existem diversas formas de expressões e linguagens, mas na minha época estudantil era trabalhado em sala de aula da forma que relatei logo em cima sobre o rabisco, a dança, o folclore, quadrilha, ajudava para compor a carga horária de educação artística ou para valer nota em eventos, como por exemplo, as datas comemorativas. Isso veio acontecer muito no meu ensino fundamental.



Figura 8: Fotografia de recordação da primeira série.
Fonte: Acervo pessoal - Iara.

Na década de 90 era muito comum tirar uma foto de recordação no final do ano, normalmente de alunos da primeira a quarta série do ensino fundamental. A forma que organizavam o cenário era muito parecida: livros em cima da mesa, alguns objetos, a bandeira do Brasil de plano de fundo e o aluno segurando uma caneta, por isso a semelhança com a foto do discente Wellington com a minha, e de muitos outros que puderam pagar, pois elas eram feitas por fotógrafos independentes, nem todos podiam comprar.

Mudei de Goiânia para Aparecida de Goiânia quando eu estava com 11 anos e cursava o 5º ano na Escola Estadual Irmã Angélica, onde os alunos eram submetidos a essas atividades artísticas, sem definição clara dos objetivos das práticas pedagógicas para o ensino de arte. Os professores sem formação específica na área se desdobravam para compreender e acabavam seguindo sequencialmente os livros didáticos de Educação Artística para ensinar. Uma lembrança que marcou essa época foi a atividade realizada com uma obra da artista

visual Tarsila do Amaral, em que fomos estimulados a pintar uma cópia da obra, a mesma para todos os alunos, sem entender quem foi a pintora e o que significava aquela obra. Os professores passavam por difíceis condições de trabalho, falta de materiais para compor suas aulas e não possuíam formação universitária em Licenciatura em Artes Visuais, no máximo o magistério.

Uma foto de recordação que tenho foi um momento escolar na época do ensino fundamental, era de uma festa junina, em que eu apareço vestida a caráter. Durante os ensaios da quadrilha os alunos eram liberados da sala de aula, éramos avaliados para participar da dança e ajudar na decoração, produzindo todos os ornamentos do espaço físico e das barracas de comidas e bebidas, bem como as de brincadeiras: como a barraca de pescaria, que eram peixes feitos de papel, com um buraco em cima que tentávamos pescar com uma vara e um anzol improvisado. Atrás de cada peixe estava escrito qual era o prêmio.



Figura 9: Fotografia de festa junina - 1988
Fonte: Acervo pessoal - Iara.

Tinha também o correio elegante em que podíamos mandar bilhetinhos para qualquer um da festa, a cadeia em que mandávamos prender qualquer um e para sair era necessário pagar um valor simbólico. Essa era a forma que os professores que atuavam na disciplina educação artística encontravam para dar nota. Participávamos sem nenhuma reflexão, não sabíamos da origem das festas juninas, como elas se tornaram festas populares.

A educação artística foi tratada por muito tempo como uma disciplina recreativa, mesmo fazendo parte do currículo escolar. Penso que naquela época o ensino de artes visuais não era valorizado como o das outras matérias, parecia que era uma matéria que professores ministravam sem muita importância, apenas para cumprir o currículo escolar.

Narro aqui momentos que me marcaram na infância. Retomar a discussão me fez perceber que hoje, como futura professora de artes visuais, o quanto é importante pensar o ensino a partir de proposições que levem em consideração o pensamento crítico. É interessante perceber que um dos pontos que tocam o meu processo formativo, da Jozilene e do Wellington é o ensino das artes visuais voltado para cópia e sem uma reflexão profunda da produção associada ao conteúdo.

2 NARRATIVAS DOS PERCURSOS COMO DISCENTES NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS MODALIDADE A DISTÂNCIA DA FACULDADE DE ARTES VISUAIS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Ao longo do curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância tivemos a oportunidade de vivenciar disciplinas que nos oportunizaram compreender os percursos das artes visuais, educação e também da produção artística. Nesse sentido, o saber, o fazer entrecruza-se e nos permitem amadurecer para perceber as possibilidades educativas das artes visuais em contexto pedagógico. Assim narramos como se deu esse encontro do grupo e as trajetórias percorridas.

No que concerne ao Curso de Artes Visuais Licenciatura - modalidade EAD foi oferecido pela UFG por meio do EDITAL N. 28/2017. Na ocasião, foram abertas vagas para os cursos de Bacharelado em Administração Pública e Licenciatura em Artes Visuais. Observamos que no nosso curso de interesse foram ofertadas 150 vagas. Segundo o Edital (2017), disposto no site da UFG:

O Reitor da Universidade Federal de Goiás (UFG), no uso de suas atribuições regimentais, tendo em vista o disposto na Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, na Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012, alterada pela Lei n. 13.409, de 28 de dezembro de 2016, pelo Decreto 7.824/2012, pela Portaria Normativa MEC n. 21, de 5 de novembro de 2012, e pela Portaria Normativa MEC n. 18, de 11 de outubro de 2012, estas últimas alteradas pela Portaria Normativa MEC n. 9, de 5 de maio de 2017, no Decreto n. 5.773, de 9 de maio de 2006, no Decreto n. 7.824, de 11 de outubro de 2012 e nas Portarias Normativas n. 40/2007-MEC e n. 391/2002-MEC, torna público o presente edital, contendo orientações relativas ao Processo Seletivo 2017- 2 da Universidade Aberta do Brasil (UAB) na UFG para preenchimento de vagas nos Cursos de Bacharelado em Administração Pública e de Licenciatura em Artes Visuais, ambos do ensino a distância (EaD), conforme condições apresentadas neste edital, para candidatos que sejam portadores de Certificado de Conclusão do Ensino Médio (ou curso equivalente) ou àqueles que estiverem cursando, e que concluirão até a data da matrícula a última série do Ensino Médio (ou curso equivalente). (GOIÂNIA, 2017)

Ao realizar a leitura do edital percebemos que nos encaixamos nos critérios exigidos. Diante disso, fizemos a seleção que aconteceu por meio de prova. Destacamos que nem todos nós fomos selecionados na primeira chamada, ou para o mesmo polo, contudo, não desistimos e assim que teve a oportunidade ingressamos.

Abrimos uma pausa para ressaltar que as vagas abertas foram para os polos de: Inhumas, Anápolis, Mineiros, Cavalcante e Aparecida de Goiânia, 30 vagas para cada polo. A princípio, nossa divisão por polo ficou do seguinte modo: Iara - Inhumas; Jozilene e Wellington - Mineiros. No ano de 2018, com uma possibilidade

de transferência que foi aberta, passamos a fazer parte do mesmo polo, Inhumas. Foi a partir deste momento que iniciamos nosso primeiro contato e construímos nossa relação de colegas de curso pautada no respeito, admiração, companheirismo e amizade. Sim, somos um grupo que se configura também por momentos de apoio em meio às dificuldades. Por diversas vezes pensamos em desistir, contudo, as palavras de apoio nos fizeram repensar a nossa caminhada e os quase desvios.

Para nós a oportunidade de cursar uma graduação, na condição de licenciado, em uma universidade federal veio de encontro com nossos anseios. Fizemos as inscrições e posteriormente a prova em Goiânia. A lara por ter passado em primeira chamada já iniciou o curso no Polo de Inhumas, enquanto a Jozilene e o Wellington entraram na sétima chamada no Pólo de Mineiros, há 426,3 km de Goiânia. Mesmo pensando que a distância poderia se tornar um obstáculo, resolvemos fazer a inscrição (moramos em Goiânia) e no terceiro período já estávamos cursando no polo de Inhumas onde conhecemos melhor a lara e melhorou bastante a distância, Inhumas fica há 47,4 km de Goiânia.

Gostaríamos de enfatizar que o relato toca somente em algumas disciplinas que compõem a grade curricular do curso, contudo, reconhecemos a importância de todas para o nosso processo formativo. Inclusive, realçamos que todas as disciplinas contribuíram para refletirmos sobre nossa identidade docente, cuja formação é contínua. Nosso curso está dividido por quatro eixos temáticos conforme o Projeto Político Pedagógico da seguinte forma:

- I. Eixo de Produção e Criação Artístico-Visual (PCA) – é constituído por técnicas, reflexões, pesquisas, experimentações, criações, referências, processos e produções artísticas, mediadas por projetos e construções individuais e/ou coletivos em Artes Visuais, que propiciam a prática e a compreensão dos processos construtivos em Arte.
- II. Eixo de Fundamentação Histórica e Sociocultural em Artes Visuais (FHS) – tem como centralidade a discussão, inter-relação e contextualização dos aspectos históricos, estéticos, representacionais, críticos e socioculturais da arte e de seus sujeitos num determinado tempo e espaço.
- III. Eixo de Fundamentação Sócio-histórica e Pedagógica das Artes Visuais na Educação (FSP) – enfoca os fundamentos socioculturais, históricos, psicológicos, organizacionais e pedagógicos de ensino e aprendizagem da Arte na contemporaneidade, com ênfase sobre as teorias, legislações, metodologias, tecnologias e discussões que fundamentam as Artes Visuais na educação, tendo por referência os aspectos multi e interculturais da realidade atual e da educação brasileira.
- IV. Eixo de Pesquisa, Estágio e Prática Pedagógica em Artes Visuais (PEP) – é formado pela inter-relação entre teorias e práticas que propiciam a formação artístico-pedagógica e a profissionalização de educadores/as em Artes Visuais, mediante processos de observação, acompanhamento, investigação, análise, estruturação e desenvolvimento de projetos pedagógicos em contextos educacionais diferenciados, os quais, deverão propiciar ações pedagógicas em espaços formais e não-formais, enfatizar

as discussões e concepções interdisciplinares sobre as questões socioculturais, artísticas e educacionais contemporâneas, estimular a pesquisa e a ética profissional como princípio do trabalho docente, favorecer a realização e sistematização de projetos inovadores no ensino-aprendizagem das Artes Visuais. (PPC Curso de Licenciatura em Artes Visuais - EAD - UFG, 2014, p. 30-32)

As disciplinas estão divididas em oito períodos de acordo com a grade curricular do curso:

1º PERÍODO	
DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA TOTAL
Ambientação Digital	32h
Fundamentos da Arte na Educação	32h
Fundamentos Filosóficos e Sócio-Históricos da Educação	64h
História da Arte: da Pré-História ao Barroco	64h
Introdução à Produção Bi e Tridimensional	64h
Introdução ao Desenho	64h
Carga horária do período	320h
2º PERÍODO	
DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA TOTAL
Desenho	64
Estudos Críticos e Educação	32
Formas expressivas do Bi e Tridimensional	64
Fundamentos da EAD	32
História da Arte: do Neoclássico ao Pós-Impressionismo	64
História do Ensino das Artes Visuais no Brasil	64
Pedagogias de Fronteira	32
Carga horária do período	352
Carga horária acumulada	320
3º PERÍODO	
DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA TOTAL
Arte e Cultura Visual	32
Fotografia	64
Gravura	64

História da Arte: das Vanguardas Artísticas à Contemporaneidade	64
Introdução do trabalho de Investigação	32
Metodologias do Ensino da Arte	32
Políticas Educacionais do Brasil	64
Carga horária do período	352
Carga horária acumulada	672
4º PERÍODO	
DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA TOTAL
Cultura Popular e Arte	32
Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico	64
História da Arte no Brasil e na América Latina	64
Pesquisa em Ensino de Arte e Cultura Visual	32
Pintura	64
Psicologia da Educação I	64
Disciplinas de Núcleo Livre	64
Carga horária do período	384
Carga horária acumulada	1024
5º PERÍODO	
DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA TOTAL
Cinema, Arte e Educação	64
Compreensão e Interpretação de Imagem	32
Cultura, Currículo e Avaliação em Arte	64
Estágio Supervisionado I	96
Psicologia da Educação II	64
Disciplinas de Núcleo Livre	64
Carga horária do período	384
Carga horária acumulada	1408
6º PERÍODO	
DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA TOTAL
Estágio Supervisionado II	128

Estudos Culturais e Ensino de Arte	32
Introdução à Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	64
Narrativas e Jogos Digitais	64
Organização do Trabalho Intelectual	32
Poéticas Visuais Contemporâneas	32
Disciplinas de Núcleo Livre	32
Carga horária do período	384
Carga horária acumulada	1792
7º PERÍODO	
DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA TOTAL
Estágio Supervisionado III	128
Laboratório de Produção Artística 1	64
Trabalho de Conclusão de Curso – TCC I	96
Carga horária do período	288
Carga horária acumulada	2176
8º PERÍODO	
DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA TOTAL
Estágio Supervisionado IV	128
Laboratório de Produção Artística 2	64
Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II	96
Carga horária do período	288
Carga horária acumulada	2464
Atividades de Horas Complementares	300 h/a
TOTAL DE HORAS DO CURSO	3020 h/a

Tabela: QUADRO SEMESTRAL DE OFERTA DE DISCIPLINAS
 Fonte: PPC Curso de Licenciatura em Artes Visuais - EAD - UFG, 2014, p. 115 a 119

Em cada período vivenciamos disciplinas que nos possibilitaram amadurecer o pensar pedagógico e o fazer. Nesse sentido, todas as disciplinas nos permitiram refletir sobre nosso processo formativo inicial e sobre nosso momento no curso de Licenciatura em Artes Visuais. Hoje percebemos que há uma diversidade de disciplinas, com os conteúdos distintos, que nos permitem pensar e problematizar o ensino de artes visuais, principalmente na educação formal. No que se refere ao

curso, destacamos que ele é ofertado na modalidade a distância e as ações são mediadas por professores formadores e professores tutores. Em todos os momentos, no desenvolvimento das disciplinas, nos sentimos acompanhados e orientados sobre as dúvidas que iam surgindo. A plataforma utilizada no curso é o Moodle Ipê¹, desenvolvemos as atividades que são previstas e possíveis devido ao uso de ferramentas que permitem a interação dos estudantes. Além disso, contamos com os momentos presenciais que antes da pandemia aconteciam frequentemente no Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás e nos polos.

Não nos sentimos sós. Sabemos que para quem não estuda por meio dessa modalidade é difícil compreender, contudo, corresponde à realidade deste curso de Licenciatura em Artes Visuais. Era possível perceber a organização por meio do planejamento, acompanhamento, disponibilização do material na sala. Nossa realidade é de pessoas que trabalham e cujo espaço de tempo que resta desejamos estudar.

Nosso grupo nasceu quando passamos pela disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, cuja ementa prevê: “a orientação, acompanhamento, planejamento e elaboração de trabalho monográfico ou artístico/pedagógico a ser apresentado no final do curso” (PPC Curso de Licenciatura em Artes Visuais - EAD - UFG, 2014, p. 56). Com os seguintes objetivos: orientar e acompanhar as diversas etapas da construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nas formas de monografia; debater temas pertinentes ao campo da pesquisa na Licenciatura em Artes Visuais; fomentar diálogos sobre a pesquisa no campo do ensino das artes visuais e da cultura visual entre licenciados(as), egressos(as) do curso, pós-graduandos(as) e comunidade interessada no tema.

A disciplina foi dividida em quatro etapas da seguinte forma:

- Etapa 1: Revisão do percurso acadêmico na EAD, discussão e pré-definição do tema de TCC a partir das inquietações levantadas. Jogos de percursos.
- Etapa 2: Introdução das questões do projeto de pesquisa; questões metodológicas de pesquisa, construção do projeto de pesquisa: tema, problema da pesquisa, objetivos, metodologia, referencial teórico.

¹ **Moodle Ipê** é o acrônimo de "Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment" (Ambiente Modular de Aprendizagem Dinâmica Orientada a Objetos), de código aberto, Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e/ou plataforma oficial da UFG para ensino a distância em ambiente virtual.

- Etapa 3: Andamento das atividades de orientação; construção do projeto de pesquisa: tema, problema da pesquisa, objetivos, metodologia, referencial teórico.
- Etapa 4: Seminário das apresentações dos pré-projetos no Moodle Ipê.

Estávamos diante do pré-projeto do trabalho de conclusão de curso – TCC. Com a nossa participação na primeira videoconferência, através do Google Meet², em meados de setembro de 2020, muitas dúvidas se elucidaram quanto à nossa proposta inicial de tema: educação inclusiva. Algumas questões foram respondidas, mas também nos trouxe muita obscuridade, principalmente por não termos experienciado nenhuma disciplina com esta temática, não tínhamos experiência na sala de aula formal e talvez teríamos dificuldade em buscar embasamento teórico, além das dificuldades que a pandemia ocasionada pela Covid-19 nos proporcionou.

No dia 02/10/2020, participamos de forma online através do Youtube (disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i_rMvZsllT8) do II ELEB³, como ouvintes da Mesa 5: Qual o papel das instituições escolares pós-pandemia? O professor doutor Renato Barros de Almeida (PUC-Goiás/UEG) inicia sua fala sobre o contexto antes pandemia, que aqui vamos elencar alguns citados por ele: ascensão dos princípios neoliberais, culto a violência, ao autoritarismo, a militarização, um retrocesso ético. Políticas ligadas a uma lógica neoliberal a supressão dos direitos sociais e dos direitos trabalhistas, congelamento de gastos públicos. Cita também as bases curriculares que direciona para uma educação quantitativa. Como se fosse uma coisificação do homem, para que se tornem meros consumidores e produtores de bens e serviços.

Durante a palestra, o professor Renato Barros (2020) diz que é papel da escola pensar na formação humana, por meio do conhecimento que foi produzido historicamente pelos homens, que os seres humanos sejam capazes de pensar de forma científica e cultural participando socialmente de uma forma crítica e transformadora diante da sociedade. E é nesse momento que pensamos no papel do ensino da arte, não apenas como disciplina articuladora do pensamento crítico, mas nas demais conexões com outras disciplinas e com a postura diante da sociedade.

² **Google Meet** - é uma plataforma de videoconferências do Google, que permite gravação da reunião e compartilhamento de tela para apresentação de documentos, planilhas ou apresentações.

³ **ELEB** - II Encontro de Licenciaturas e Educação Básica: "Educação mediada por tecnologias: desafios e proposições da educação básica ao ensino superior", realizado pela Universidade Federal de Goiás, do dia 28 de setembro de 2020 até o dia 02 de outubro de 2020.

A partir daí começamos a pensar sobre a construção de nossa identidade como discentes e como foram as nossas reflexões e consciência de nossas decisões, articulações, escolhas que movimentaram nossa formação. Qual será nossa postura profissional? Como estamos utilizando os conhecimentos adquiridos? Estamos pensando na sociedade de forma crítica, nos posicionando ativamente? Com os atravessamentos das disciplinas durante nossa trajetória acadêmica modificamos nossa postura, modos de ver/saber, quem somos social e culturalmente? Assim fomos amadurecendo nosso tema, delimitando-o e escolhendo a história de vida, através da memória, de relatos (auto)biográficos como recursos metodológicos para nossa pesquisa.

Nossos laços de afetividade foram reforçados na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I. A pesquisa, desse modo, foi o elo que nos conduziu a pensar nossos encontros no curso de Licenciatura em Artes Visuais. Mesmo distantes geograficamente, fomos aos poucos encontrando formas discutir e sobreviver em meio a esse cenário da pandemia.

Com intuito de narrar de modo objetivo nossos percursos, encontros e desencontros, resolvemos nos voltar para a reflexão com base em algumas das disciplinas. Desse modo, em comum acordo, fizemos a opção por relatar experiências vivenciadas nas disciplinas de Pintura - Cultura Popular e Arte, Laboratório de Produção Artística e Tópicos Especiais para o Ensino de Arte, Fundamentos Filosóficos e Sócio-históricas da Educação, Pedagogias de Fronteira, História da Arte: da Pré-História ao Barroco; História da Arte: do Neoclássico ao Pós-impressionismo; História da Arte: das Vanguardas Artísticas à Contemporaneidade e Estágio Supervisionado I, II, III e IV.

Assim, reconhecemos que essa nossa narrativa é somente uma parte de tudo que vivenciamos no curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância, da Universidade Federal de Goiás. Destacamos, ainda, que a nossa narrativa diz respeito especificamente ao período que vai do segundo semestre de 2017 a 2021, ou seja, do ingresso até a conclusão do curso.

Nesta seção nós, Iara Cirilo, Jozilene Santana e Wellington Nunes, iremos relatar como foi nosso processo para ingressar na faculdade de Artes Visuais Licenciatura EAD. Vamos costurar nossas trajetórias acadêmicas por meio da narrativa de vivências nas disciplinas que organizamos por blocos: ateliê, sócio-histórica e pedagógicas.

2.1 Narrativas sobre a Experiência nas Disciplinas de Ateliê de Artes Visuais

Remontando nossa trajetória das disciplinas do Eixo de Produção e Criação Artístico-Visual (PCA), lembramos da nossa expectativa com as aulas práticas, a primeira que lembramos foi a disciplina de Pintura. Nós experienciamos o fazer artístico trabalhando autorretratos e juntamente com o referencial teórico da construção da identidade e da relação que temos com a imagem, dialogando com nossas trajetórias e compreensão da nossa subjetividade. Ela foi ministrada junto com a disciplina de Cultura Popular e Arte, no 4º período (primeiro semestre de 2019), tendo a professora doutora Leda Maria de Barros Guimarães como responsável. A ementa da disciplina de pintura prevê a:

Prática e pensamento sobre pintura, tomando como referência condições históricas e contemporâneas. Linguagem visual pictórica. Construção de soluções plásticas a partir do entendimento da pintura como forma de sensação e pensamento. (PPC Curso de Licenciatura em Artes Visuais - EAD - UFG, 2014, p. 42)

Foi dividida em 3 módulos:

- Módulo 1: Estudo das Cores;
- Módulo 2: Pesquisa de materiais para produção de tintas com pigmentos naturais;
- Módulo 3: Plasticidade da pintura pela materialidade da tinta acrílica.
- O módulo 4 foi dedicado à disciplina Cultura Popular e Arte, cuja ementa contém uma introdução e problematização de conceitos, relações e teorias sobre cultura popular e arte. Noções de cultura, tradição, memória, folclore, inventividade e apropriação. Investigação de produções culturais e artísticas populares, em suas diferentes manifestações, em âmbito nacional e local.

Na disciplina de Pintura, experimentamos o fazer artístico realizando vários autorretratos, despertamos para “como ver e como somos vistos”, principalmente em um tempo em que as imagens têm grande fluxo. Para nós, discentes de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância, pensamos nas imagens de uma forma diferente, nosso olhar busca o que elas querem comunicar, quais significados damos a elas. Nossa forma de compreender e analisar as imagens se ampliou, modificou, a partir das experiências vividas nas disciplinas trabalhadas no curso, as percebemos com mais profundidade e entendimento, cientes que é uma prática contínua, que nos levará a nos relacionar de forma clara e crítica. As imagens abaixo são o resultado

dessa pesquisa plástica onde buscamos compreender até que ponto ao abstrairmos as imagens ainda podemos considerar “autorretrato”.



Figura 10: Processo de impressão do rosto em tecido.
Fonte: Acervo pessoal - Wellington



Figura 11: Autorretrato da impressão do rosto em tecido.
Fonte: Acervo pessoal - Wellington



Figura 12: Autorretratos - pintura acrílica sobre papel.
Fonte: Acervo pessoal - Jozilene



Figura 13: Autorretrato - pintura acrílica sobre papel.
Fonte: Acervo pessoal - Iara

Nessa dinâmica que entrelaça o fazer e o saber, percebemos que tivemos a oportunidade de refletir sobre nós e como nos vemos. A arte, desse modo, mostrou-se como uma oportunidade de pensar em nós enquanto sujeitos, artistas e discentes de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância. Em cada proposta de experimentação percebemos e íamos nos aprofundando em questões relacionadas ao campo como: educação, ensino, técnicas artísticas, etc. Na disciplina de Pintura observamos como a pintura, técnica artística, é um modo de atravessamentos do universo do eu e do outro.

No que se refere à experiência de ver e ser visto, TOURINHO (2011, p. 10) observa que:

Compreender a experiência do ver e ser visto não significa, apenas, restringir-se a um olhar, a uma visão ou a uma perspectiva. Significa 'o ver e o ser visto' compreendidos também em suas parcialidades, ou seja, no espectro fragmentado que essas experiências oferecem quando nos damos conta dos significados que atribuímos às imagens. Significados que se constroem não apenas em consequência das limitações, cegueiras, vieses e circunstâncias que nos constituem e formam os modos, ângulos e contextualidades das experiências visuais, mas, também, significados construídos em consequência das diferentes e diversas maneiras como as imagens podem ser (re)construídas, (re)apresentadas, transfiguradas, postas em circulação e 'recepcionadas'.

A forma de ver depende de nossas experiências, a mesma imagem ou artefato artístico vão ter referências diferentes para pessoas diferentes, o modo de olhar é construído de acordo com nosso repertório, conhecimento de arte, estudos, influências sociais, culturais e ambientais.

Assim, TOURINHO (2011, p. 12) aborda o fato de estarmos submetidos à escassez de certas imagens e que junto com o excesso a que somos expostos, podem instalar invisibilidades e reforçar discriminações. Os meios tecnológicos atualmente são os maiores propagadores de imagens e na maioria das vezes quem consome imagens também as produzem. A importância de compreendermos, termos uma análise de como interpretamos e como as imagens que produzimos serão compreendidas é de suma necessidade nesse turbilhão de informações visuais, bem como aumentar imagens que reafirmam determinadas culturas, privilegiam a diversidade dentro da sala de aula, no intuito de problematizar os estudantes para uma leitura crítica dos sentidos.

Assim a produção dos nossos autorretratos nos trouxe a possibilidade de pensarmos em quem somos, de como somos vistos, de autoconhecimento e de como vemos os outros. Refletimos sobre nossas subjetividades e como nossos

trajetos, projetos de vida, nessa formação educacional tem contribuído na construção de nossas identidades. Passamos a pensar sobre o consumo e produção de imagens e várias formas de nos representarmos, editadas ou mascaradas. Antigamente os artistas se autoretratava para expressar suas emoções seus pensamentos, hoje os autorretratos foram tomados pelas selfies⁴, onde muitos buscam serem vistos com admiração, reconhecimento, pertencimento e aceitação pela sociedade.

Partindo da premissa de aceitação, percebemos um viés importante na disciplina Cultura Popular e Arte em que GUIMARÃES (2018) busca em seu artigo “Design e cultura visual do povo: uma conversa entre mulheres” ampliar as concepções de cultura popular e arte popular, afirma ainda que todas manifestações culturais são discursos e que são importantes. Em seu texto, a autora busca pontos de congruência entre as autoras Ana Mae Barbosa, Lélia Coelho Frota, Lina Bo Barde, Adélia Borges e Ivone Ricther. Cada uma no seu tempo, mas com o mesmo olhar engajado que busca a libertação da arte hegemônica.

A ementa da disciplina inicia com uma:

Introdução e problematização de conceitos, relações e teorias sobre cultura popular e arte. Noções de cultura, tradição, memória, folclore, inventividade e apropriação. Investigação de produções culturais e artísticas populares, em suas diferentes manifestações, em âmbito nacional e local. (PPC Curso de Licenciatura em Artes Visuais - EAD - UFG, 2014, p. 46)

Para traçarmos uma nova linha vamos primeiro, de forma sintética, conhecer o pensamento de cada autora citada. Para Ana Mae Barbosa, o “popular” tem três possibilidades, o que ela chama de “arte do povo”, que vem do povo e os mesmos se reconhecem como tal. A “arte das minorias” que considera produtos de alta qualidade estética, que dialoga com o design, mas não é codificada como arte pela cultura dominante, nem seus criadores se denominam artistas. E por último, a “estética das massas” que está ligada aos ritos, mitos, e manifestações populares, como o carnaval, ou os rituais do candomblé (apud GUIMARÃES, 2018, p. 119-120).

Na concepção de Lélia Coelho Frota, ela institucionaliza, através de seu trabalho, a arte popular criando espaços formais, gerando visibilidade (apud GUIMARÃES, 2018, p. 121). Já Lina Bo Bardi, arquiteta que projetou o MASP – SP, organizou exposições que marcaram a ruptura com o “olhar folclórico” sobre a

⁴ **Selfie** é uma palavra em inglês incorporada no vocabulário online para representar uma foto tirada pela própria pessoa que aparece na foto e que é compartilhada na web. O neologismo que ganhou a rede tem origem no termo self-portrait, que significa autorretrato.

Fonte: <<https://new.safernet.org.br/content/selfie>> Acesso em 30/09/2021.

estética popular, privilegiando também a reutilização de materiais reciclando “o lixo como resistência”. Desconstrói o preconceito sobre o popular, mesmo quando na ditadura militar tem uma proposta de exposição em Roma interdita, em pleno regime ditatorial, pois não era a visão que o governo queria passar: progressista e em evolução. Ainda sim, em 1969 sob sua curadoria, cria a mostra “A mão do povo brasileiro” dando aos objetos o mesmo valor dos da arte erudita (apud GUIMARÃES, 2018, p. 122-123).

Seguindo com as concepções, a próxima autora, Adélia Borges, “[...] não faz distinções entre os diferentes tipos de artesanato e entre artesanato e a arte popular.” (apud GUIMARÃES, 2018, p. 124). Destaca que em alguns dicionários brasileiros existem preconceitos quando designam artesanato como algo sem valor, rústico, sem estética. O diferencial em sua concepção talvez seja a preocupação ecológica. Já Ivone Ricther (apud GUIMARÃES, 2018, p. 126) destaca a estética do cotidiano, compreende a arte em um sentido mais amplo, incluindo o tricô, o crochê.

Desde a Semana de 22 que ocorreu em São Paulo, entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, que foi um dos maiores movimentos de rompimento com o academicismo da época e também com a arte dita erudita, passamos a buscar novos modelos. Mesmo assim continuamos arraigados em décadas de ensinamentos maçantes do que é esteticamente correto, belo.

Educar para a cultura visual não implica na formulação de regras para o olhar e nem tão pouco em generalizar modos de ver e interpretar, até mesmo porque interpretação e compreensão de imagens são processos que refletem repertórios de vida e subjetividades. Assim, é fato que nossos modos de ver e interpretar imagens se fundamentam em sistemas pré-estabelecidos que não só tendem a influenciar o olhar como a incitar comportamentos e atitudes. Resquícios de uma cultura moderna ainda prevalecem em abordagens imagéticas pretensamente objetivas, formais, consequentemente tendenciosas, e que ainda aspiram universalizar significados. (MARTINS; PEREIRA; CLIFFORD VALENÇA, 2012, p. 245)

O docente deve ser um facilitador na dinâmica: ensino-aprendizado. Não é mais sustentável acreditar que os alunos são recipientes vazios em que o professor os enche de conhecimento, em um ensino vertical em que desconsideramos a experiência dos alunos. CORTELA (2016), em sua participação no programa da Tv Cultura, Café Filosófico, afirma que se ele não acompanhasse a realidade de seus alunos, uma vez que há muitos anos ele é docente, não seria capaz de construir o conhecimento. “É preciso saber selecionar a informação que faz sentido para cada um de nós, pois o que importa é saber o que importa” CORTELA (2016).

TOURINHO (2011, p. 9) ressalta como as mídias, a internet, as redes sociais nos influenciam e nos afetam no modo de pensar e agir diante de tanta exposição. Então vivemos em um mundo onde qualquer um é autor e/ou consumidor, perceber a cultura popular, a arte popular, como um diálogo, nos conectamos de forma rápida aos nossos discentes, pois ao buscar matrizes de fácil reconhecimento, regionalistas, do cotidiano, ressaltando seus valores estéticos, nos aproximamos também da transmissão de conhecimento. Vimos o grande esforço para levar esta “arte” (popular) para espaços institucionalizados, ganhando notoriedade em exposições, publicações, etc.

Levar a discussão para dentro da sala de aula, onde cada um se expresse, transformá-la em “lugar de fala”, sem preconceitos, destacando o valor de cada expressão do povo, não somente em objetos, mas na dança, nos ritos e manifestações, salientando que a arte se apropria de objetos e de processos artesanais. Podemos tecer uma trama de conhecimento sólido, reflexivo, obviamente incluindo toda a história da arte, mas sem menosprezar a importante vivência estética do nosso povo tão híbrido e rico culturalmente. Destacamos que a internet é um território infinito de informações, e nela encontramos espaços para todas as manifestações que vem do povo. Não acrescentaríamos nenhuma outra concepção, uma vez que na conversa entre as autoras que GUIMARÃES (2018) organiza contempla o “popular” com suas especificidades, sem menosprezar seus valores e os diálogos entre seus criadores e espectadores.

Nessa busca de nossas identidades docentes, passamos pelo reconhecimento de nós mesmos, pensando de forma crítica nossas vivências, acrescentando em nosso pensamento crítico a importância de uma visão sem preconceitos, aberta ao diálogo, com os olhos vívidos de curiosidade e com bastante sede de conhecimento e crescimento, reconhecendo a importância de uma formação permanente e constantes atualizações do contexto sócio cultural de nossos futuros alunos.

Passamos então a relatar aqui nossa experiência da busca individual de desenvolver um projeto artístico conhecendo as etapas possíveis na concepção de ideias e seu desenvolvimento até chegarmos a concretização do artefato artístico proposto nas disciplinas de Laboratório de Produção Artística e Tópicos Especiais para o Ensino de Arte que foram ministradas de forma conjunta pela professora

doutora Lêda Maria de Barros Guimarães e pela professora doutora Nayara Joyse Silva Monteles.

A ementa para Laboratório de Produção Artística 1 prevê a:

Discussão e experimentação das práticas contemporâneas de produção artística. Pesquisa poética e desenvolvimento de conteúdos em diálogo com a construção de conhecimento sensível, produção de sentido, subjetividade, alteridade e ação em rede. (PPC Curso de Licenciatura em Artes Visuais - EAD - UFG, 2014, p. 43)

Experenciemos estas disciplinas no sétimo período (segundo semestre de 2020), assim já tínhamos percorrido por disciplinas como: Introdução ao Desenho, Introdução à Produção Bi e Tridimensional, Desenho, Formas Expressivas do Bi e Tridimensional, Gravura, Fotografia, Pintura, Cinema, Arte e Educação e Narrativas e Jogos Digitais, o que foi imprescindível para aumentar nossa bagagem prática, conhecendo técnicas, materiais, suportes, modos de fazer e reconhecer artefatos artísticos. Assim, metaforicamente pensando, os caminhos que passamos, reconhecemos e acrescentamos novos conteúdos em nossos repertórios imagéticos. Vemo-nos em uma grande viagem, que se inicia com o primeiro passo e cada caminho novo, cada sentimento novo, cada experiência nova, cada paisagem, vamos agregando a nossa bagagem, aqui acadêmica e estudantil, novas práticas educacionais, conteúdos, abordagens, metodologias, reflexões profissionais e pessoais.

As disciplinas Laboratório de Produção Artística e Tópicos Especiais para o Ensino de Arte ministradas de forma conjunta foram divididas em 3 unidades da seguinte forma:

- 1: Mapa poético/reflexivo de experiências artísticos/pedagógicos: Refletir a partir da elaboração de um mapa poético/reflexivo sobre as experiências artísticos/pedagógicos ao longo de seu percurso de formação;
- 2: Mapa dos meus processos poéticos: Mapear os interesses, temas, e as possibilidades teórico/prático para proposição de um projeto poético/pedagógico com base na perspectiva professor/artista e/ou artista/professor;
- 3: Projeto poético/pedagógico: Finalizar o projeto/poético para apresentação por meio de um vídeo no qual reflete-se sobre o processo de elaboração e as principais escolhas teórico/prático.

Iniciamos essa experiência como o que EISNER (2008) nos fala da inteligência qualitativa: se não há algum algoritmo ou regra fixa para ter julgamento

sobre a arte, como conseguimos julgar valores sobre determinadas obras? Para tanto nos exige experiência, testamos várias vezes, compreendemos as relações, modificamos o trabalho, o caminho e sentimos o novo resultado.

[...] sabe-se que se está certo porque se sente as relações. Modifica-se o trabalho e sente-se os resultados. As sensibilidades entram em jogo e refinam-se no processo. Um outro modo de por isto é que à medida que aprendemos nas artes e através delas, nós tornamo-nos inteligentes qualitativamente. Aprender a prestar atenção à maneira como a forma está configurada é um modo de pensamento que pode ser aplicado a todas as coisas feitas, sejam elas teóricas ou práticas [...]. (EISNER, 2008, p. 10)

Para EISNER (2008, p. 9-10) a arte tem muito a contribuir com a educação, por meio da inteligência qualitativa, da capacidade de compor relações. Ela vem da experiência incorporada no fazer, da prática, treinar o olhar, a forma de ver, entender como os elementos presentes estão configurados. Buscar compreender como são construídos os argumentos, refinar a percepção em cada um dos campos da percepção.

[...] precisamos de ajudar os estudantes a aprender a perguntar não só o que alguém está a dizer, mas como é que alguém construiu um argumento, uma partitura ou uma imagem virtual. As atividades de currículo podem ser definidas para chamar a atenção de tais questões, atividades que refinam a percepção em cada um dos campos que ensinamos. Isto vai requerer mais atividades que abrandem a percepção do que a acelerem. (EISNER, 2008, p. 10)

Para construção dos mapas poético/reflexivos buscamos rememorar nossas trajetórias percorridas até aqui, não só acadêmica, mas na vida social, familiar, profissional, nossos sentimentos e pensamentos ao observar novamente cada disciplina que tivemos contato, a cada revisitação, a cada desafio novo, descortinavam novas possibilidades, novas formas de fazer, aumentando nosso repertório prático. Detalhes dos encontros presenciais, a vivência da sala de aula, o café da manhã e os almoços com os colegas, as conversas informais com os professores, as viagens para os polos foram marcantes e fazem parte de nossas experiências. Nossos mapas poéticos são cheios de informações afetivas e de vivências (Figuras 14, 15 e 16), assim fomos deixando nossos rastros, caminhos que percorremos e que vão ficando para trás, vislumbrando novos horizontes.

As disciplinas trabalhadas em parceria evidenciam seus conteúdos, mesmo com as suas particularidades, têm possibilidade de relacionar-se. Nesse sentido, percebemos e vivenciamos em algumas disciplinas o que é compreendido como interdisciplinaridade. Aprendemos com as trocas e como esse modo de fazer e ensinar teoria e prática na área de artes visuais. Nesse caso, vivenciamos o

cruzamento teórico e prático da disciplina de ateliê e de caráter pedagógico, isso reforça que teoria e prática podem caminhar juntas nas artes visuais.

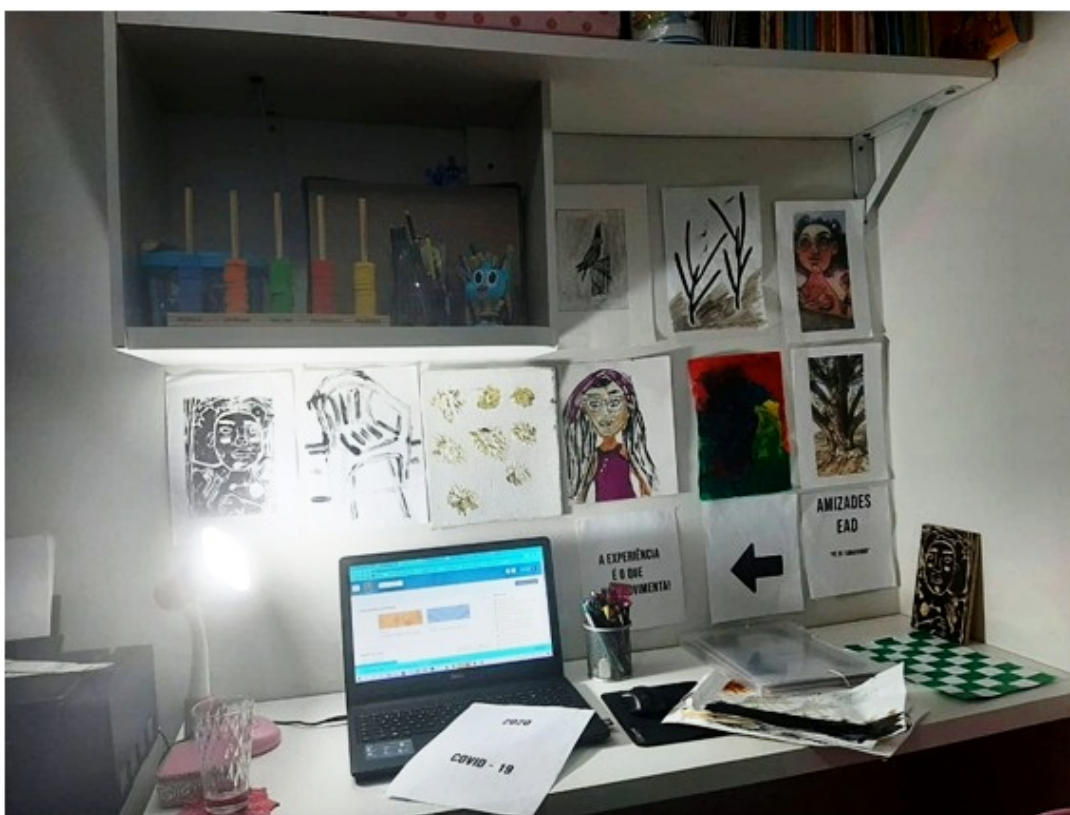


Figura 14: Mapa poético/reflexivo - Iara.
Fonte: Acervo pessoal



Figura 15: Mapa poético/reflexivo - Jozilene.
Fonte: Acervo pessoal



Figura 16: Recorte do vídeo de construção do mapa poético - Wellington.
Fonte: Acervo pessoal

Com início da pandemia todos tivemos que nos reinventar, tanto os docentes como os discentes, juntos buscamos uma nova maneira de aprender e ensinar, aulas presenciais não eram possíveis, não podemos ter contato físico, tão necessário para entender a dinâmica ensino/aprendizagem.

EISNER (2008, p. 12) destaca que “[...] nem tudo o que é conhecível pode ser articulado de forma proposicional. Os limites do nosso conhecimento não são definidos pelos limites da nossa linguagem [...]” Nos ateliês aprendemos muito sobre essa percepção qualitativa e que com um pouco mais de conhecimento percebemos que a educação também é assim, toda turma tem sua própria especificidade, forma de interagir, assim também é o caminho de cada docente, diferente um dos outros, mas com o mesmo propósito de ensinar artes visuais.

Passamos a pensar em nosso projeto poético/pedagógico, por meio do conceito artista/docente. Levantamos a seguinte questão: basta ser artista para ser professor? Com absoluta certeza não. Tivemos um grande crescimento na compreensão da relação ensino/aprendizagem com O curso de Licenciatura em Artes Visuais - EAD. Pensar como arte/educador transborda todas as definições que tínhamos. E ao pensar no professor/artista a primeira palavra que nos veio foi o “diálogo”.

MARQUES (2014, p. 231) confronta o atual sistema de educação quando expõe as práticas do artista/docente, como alguém de formação híbrida, que não recai no “quem sabe faz, quem não sabe ensina”, mas que independentemente do seu nível artístico deve seguir, buscando refletir em suas práticas docentes e artísticas. Mas esse ator híbrido encontra resistência no meio que trabalha:

Obviamente, o sistema escolar brasileiro, tal qual se encontra, tem exercido de forma espetacular sua função de manutenção de estruturas político-sociais, sendo a escolarização e a banalização da arte personagens importantes desse roteiro [...]. Do mesmo modo, o artista/docente, tal qual discutiremos, não é bem vindo em um sistema fechado, retrógrado, preguiçoso e conservador que deseja perpetuar a ingenuidade, o senso comum e o consumismo [...]. (MARQUES, 2014, p. 235)

O artista/docente que busca integralizar suas práticas no ensino formal, não transforma apenas seus alunos, mas todo espaço educacional. Para tanto deve primeiro fugir do conformismo, de reproduzir como aprendeu, mas buscar novos caminhos, novas formas de fazer, de refletir e de intervir no conhecimento/aprendizagem de seus alunos de forma positiva, dando-lhes autonomia para pensar e refletir em seu próprio contexto.

De fato, somos o todo de nossas experiências, conhecimentos, lutas, reflexões. Reconhecemos o poder transformador da educação, não somos os mesmos de 2017, a nossa caminhada nos trouxe novas perspectivas. Nós vamos acumulando conhecimento e experiências. A esta altura já somos capazes de pensar em projetos pedagógicos que incluam todas as formalidades das diretrizes, a história da arte, o fazer artístico, de forma atrativa e reflexiva

No processo poético do discente Wellington, o trajeto foi mais importante que o resultado final. A partir de um texto autoral em que assina como “Ton Nunes”, inicia o pensamento sobre sua poética e como transformaria o texto em imagem. O resultado foram três fotografias, a partir de um velho tronco em chamas (Figura 17). Assim que o fogo iniciou, foram registradas suas chamas, formas subjetivas, dinâmicas, inquietas, nunca iguais, sempre em movimento, começou assim a fazer uma analogia entre o texto e a concepção das imagens, onde o aprendido é dinâmico, subjetivo, trazem várias inquietações, ponto de partida para novos questionamentos, assim como as chamas registradas.

Como uma analogia a nossa formação: leituras, fazer artístico, limitações vencidas, momentos em que o fogo se apaga, gerando desmotivação, cansaço, nos quase desvios em função da pandemia, o esforço e resiliência, mas sempre lutando, buscando a conclusão do curso e o aprimoramento de nossas formações.

Fagulha do saber

Por Ton Nunes

Não parto de mim, nem dos meus conhecimentos, mas da luz incessante que me guia pela escuridão de minha ignorância, que em mim projeta sombras. Sobras do que fui.

Fagulha: partícula incandescente. Se solta de um corpo em brasa. Fogo. Combustão: reação química exotérmica. Grande liberação de energia. Mas sem todos seus componentes, basta tirar um, o fogo cessa, apaga, voltamos à escuridão.

Aproximo daqueles que tem luz e com humildade compartilham. Aprendo ensinando, ensino aprendendo. Cresço, rego-me, floresço, me quebro, renasço, mas depois que mudo, não volto a ser o que era antes. Caminho, tropeço, levanto, recomeço, me esforço, me vergo, faço parte de um todo e tenho um universo dentro de mim.



Figura 17: Resultado do processo poético - Wellington.
Fonte: Acervo Pessoal

Observamos que a construção de conhecimento torna possível pensarmos em projetos artísticos, pedagógicos e/ou poéticos de forma mais completa. Foi por meio das disciplinas: desenho; formas expressivas do bi e tridimensional; gravura; fotografia; pintura; cinema, arte e educação; narrativas e jogos digitais; desenvolvemos nossas habilidades, nosso pensamento, aumentando nosso repertório de técnicas e práticas artísticas, possibilitando a construção do projeto poético/pedagógico proposto no último tópico da disciplina.

2.2 Narrativas a partir das Disciplinas Sócio-Históricas e Pedagógicas

Passamos nesse momento a revisitar algumas das disciplinas sócio-históricas e pedagógicas que abriram nosso horizonte e que fundamentaram nossa formação. Na disciplina Fundamentos Filosóficos e Sócio-históricos da Educação (percurso 01), que teve como docente a professora doutora Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral, e como ementa: referências para a compreensão da educação

como processo social. Contexto da educação brasileira na experiência histórica do ocidente. Movimentos educacionais e a luta pelo ensino público no Brasil. Relações entre a esfera pública e privada e os movimentos da educação popular.

Iniciamos nossa caminhada nesta disciplina entendendo o conceito de educação. Podemos pensar que o ensino da arte ocorre em todas as modalidades educativas (formal, informal e não formal), uma vez que a arte é inerente ao humano, seja social, cultural ou político. A obra de arte agrega valor não mensurável e/ou financeiro. Pois a arte em nosso tempo não é imitação do real ou representação do belo em sua essência, mas também pode ser crítica e reflexiva. Por meio da educação intencional, formal, nós instigamos os alunos a compreender um sentido mais próximo do que o artista quer nos passar, seja uma crítica política, social e/ou cultural. É por meio do acúmulo de conhecimento que fazemos uma leitura mais próxima da visão pessoal do artista e de sua/nossa realidade. Pode-se pensar que nesse processo o ser humano com pensamento crítico se posiciona melhor diante do seu contexto, promovendo assim uma consciência e mudanças sociais.

Como efeito, a educação, para além de sua configuração como processo de desenvolvimento individual ou de mera relação interpessoal, insere-se no conjunto das relações sociais, econômicas, políticas, culturais que caracterizam uma sociedade. Se atentarmos para o fato de que, na sociedade presente, as relações sociais são marcadas por antagonismo entre os interesses de classes sociais e grupos sociais que se configuram em relações de poder, não será difícil perceber que as funções da educação somente podem ser explicadas partindo da análise objetiva das relações sociais vigentes, das formas econômicas, dos interesses sociais em jogo [...]. (LIBÂNEO, 2018, p. 74-75)

Os objetivos e conteúdos da educação são variáveis e nem sempre idênticos, pois depende do seu momento histórico, da sua intencionalidade, “[...] são determinados conforme o desdobramento concreto das relações sociais, das formas econômicas da produção, das lutas sociais” (LIBÂNEO, 2018, p. 75). Compreende-se educação intencional quando há a intenção, objetivos conscientes em passar experiências, conhecimentos, percepções, etc. A não intencional difere da intencional no momento em que os indivíduos apreendem através das influências não planejadas, sem intenção, como o meio natural e social que interferem na formação do indivíduo.

Podemos citar como experiências da educação intencional: os cuidados pessoais que são passados de pais para filhos, que apesar de não formal, são intencionais e organizados, assim como hábitos alimentares, conduta ética ou social, que são inerentes ao espaço geográfico e se comunica com a educação informal. E

em um sentido formal podemos citar a manipulação da moeda corrente no dia a dia, dependemos de conceitos básicos da matemática que geralmente aprendemos na escola para interagir nas trocas por bens de consumo.

Conhecemos o conceito de educação formal e não formal, a primeira se institui de forma mais estruturada, organizada, sistematizada, se preocupa com os métodos para chegar a um produto / resultado final, por exemplo, a educação escolar; já a outra ocorre fora do sistema formal, é menos estruturada e sistematizada, porém organizada e não menos importante, uma vez que é complementar a outra, ocorre em movimentos organizados da sociedade, como associação de bairros e sindicatos. A educação formal tem várias abordagens educacionais, com princípios filosóficos, históricos e sociais peculiares, uma não anula a outra, elas coexistem e têm semelhanças, visto que os teóricos partem das abordagens existentes.

A abordagem tradicional deixou um grande legado em termos de estruturação e metodologias. Elementos de sua prática educacional ainda são utilizados, por causa das salas de aula cheias, poucos recursos, espaço físico inadequado. Na relação ensino-aprendizagem, não éramos incentivados a pensar ou explorar nossa criatividade, mas apenas a absorver o conhecimento e obrigados a memorizar. As provas eram coercivas e as notas segregavam a turma, os alunos que tinham notas abaixo da média se sentiam desestimulados e muitos desistiam dos estudos.

A prática educacional sofre influência do seu próprio meio, estamos falando da educação não intencional. Esse aprendizado, porém, é de forma individualizada e não é mensurado de forma clara e objetiva, pois não se fundamenta em estruturas bem definidas ou pré-estabelecidas. Por meio da tecnologia, com o acesso a internet, sites, redes sociais, percebemos um processo de massificação mundial, que pode sobrepor ao meio social, percebe-se então uma difusão arbitrária de conhecimentos, cultura e/ou modos nas sociedades modernas, o que interfere na prática educacional.

Nós nos desenvolvemos primeiramente com a interação familiar, posteriormente, social, assim compreendemos logo nas primeiras relações, seja na escola, em alguma instituição religiosa, nos lugares públicos, a necessidade de nos adaptarmos às regras sociais. Assim, a educação também passa pelo crivo da sociedade, institucionalizada ou não, pois esta é quem cria as regras, normas ou

procedimentos que exercem sobre todos nós, independentemente das vontades individuais. Acreditamos que as práticas educacionais devem ser intencionais, considerando todas as variáveis, de forma crítica e inspiradora, para que de fato possamos modificar, de forma positiva e igualitária, a nossa sociedade.

Na disciplina Fundamentos da Arte na Educação (percurso 01), que foi ministrada pela professora doutora Rogéria Eler da Silva, estudamos os:

Princípios e funções dos fundamentos da arte na educação contemporânea, abordando as relações entre arte, experiência estética e escolarização. Análise de concepções sobre criatividade, expressão artística e aprendizagem, bem como especificidades do perfil do profissional do ensino de arte e suas problematizações. (PPC Curso de Licenciatura em Artes Visuais - EAD - UFG, 2014, p. 48)

Entendemos que a definição de arte está ligada à cultura, que está inserida na relação de significante e significado do objeto analisado. Para ser arte é necessário ser reconhecida como tal, através de vários conceitos dinâmicos de acordo com o tempo, o espaço e do olhar de quem a vê. Não pode ser limitada a um determinado estilo ou gosto. Normalmente está ligada a alguma atividade humana que propõe uma experiência de ordem estética, valorizada quer seja pelo o resultado ou pelo processo para produzi-la.

[...] Aquilo que para uma cultura pode ser considerado objeto artístico, para outra não o é e vice-versa. É por isso que, ao tratar de arte, sempre nos ligamos à cultura, pois é na cultura que a arte se manifesta como um objeto que a reflete e, ao mesmo tempo, é essa cultura que afirma e dá ao objeto o status de arte [...]. (ARAÚJO, 2018, p. 25)

Ampliando ainda mais suas definições, tornando difícil conceituá-la de forma única e concreta. Podemos dizer que geralmente ela traz uma experiência para o espectador, seja simplesmente pela beleza, estimulando o olhar, as emoções, empatias ou por que o faz pensar, ou várias percepções e sentimentos ao mesmo tempo, através de suas inúmeras formas e linguagens.

Não vamos aprofundar nas teorias, mas não podemos deixar de falar que há diferentes valores e classificação nas artes, como a arte popular onde o artista aprende seu ofício como estrutura, modelagem e outros, sem ter frequentado escolas de artes. Ou a erudita que cria obras de valores universais, é fruto do trabalho de grandes artistas que possuem conhecimentos técnicos e formais apuradores. Ou na cultura de massa, que através das grandes mídias disseminam valores subestimados do que poderia ser arte e cultura.

A arte tem várias funções sociais, ela pode fazer o espectador pensar sobre sua sociedade, seus hábitos e seus valores morais e ou estéticos. Ela pode trazer

emoções, sentimentos de acordo com a linguagem, formas e ou proposta. A arte comunica por meio de sua estética, pela maneira que foi feita, por buscar a perfeição ou pela estranheza. Não existem regras. Ela pode ser engajada sócio-politicamente, criticando o sistema social, fazendo refletir e provocar o pensamento crítico de forma direta ou às vezes subjetiva. Ela experimenta todos os materiais, ela critica a si mesma e faz com que os que a pensam se oponham ou mudem seus conceitos.

Tivemos momentos históricos em que o desejo de mudança conferia à arte a função de romper com o antigo e criar novas bases para a humanidade. Ao passo que, em tempos de afirmação ideológica e autoritarismo, a arte era usada como treinamento das mentes e, na corrente contrária, ela tinha a função de resistir, subverter e libertar as mentes. (ARAÚJO, 2018, p. 27)

Consideramos o artista ser humano com todas suas características inerentes. Há artista que privilegia a técnica, outro, o pensamento crítico, tem o que talvez nem consciência tenha. A capacidade de produzir arte está ligada à prática, ao fazer, ao pensamento, sensibilidade, mas o seu reconhecimento e valoração ainda dependem do espectador, dos críticos e pensadores de arte. Onde pode ser considerada obra prima, ou arte popular, ou nem arte, depende das relações de poder, de quem dita o que é ou não é arte e o seu valor.

Percebemos que no segundo semestre do curso tivemos um avanço em nossa postura ao refletirmos sobre a relação pedagógica fronteiriça. Consideramos uma experiência transformadora o contato com a disciplina Pedagogias de Fronteira (percurso 02), ministradas pelas professoras doutoras Alice Fátima Martins e Carla Luzia de Abreu. Sua ementa inclui:

Abordagens pós-estruturalistas nos processos de ensinar e aprender no campo de visualidades contemporâneas. Teoria *queer*, epistemologias subalternas, e outras orientações que problematizam as relações de poder e as normatividades nos processos educativos. (PPC Curso de Licenciatura em Artes Visuais - EAD - UFG, 2014, p. 48)

No primeiro encontro presencial fomos levados a pensar no outro, na empatia, no lugar de fala, no respeito e nos valores sociais que permeiam nossa sociedade. O “lugar de fala” gira em torno de quem pode ou não falar sobre determinados temas. No caso da subalternidade os subalternos deveriam falar, pois quem está na pele entende melhor as situações vividas. Como alguém que seja branco, rico e vive longe da realidade das camadas pobres podem compreender bem essa exclusão social e os preconceitos vividos.

Compreendemos a fronteira invisível que existe separando todos em camadas sociais. Se colocar no lugar do outro é o mais importante e é nesse momento que percebemos o quanto é difícil julgar. Todo o aprofundamento na

disciplina nos trouxe um olhar próximo que refletiu na nossa forma de pensar e conduzir a vida. Assim começamos a observar o entorno, em nossa volta, como a realidade depende do foco e do enquadramento de quem vê.

A partir das identidades subalternas passamos a pensar como trabalhar essas relações de poder, de preconceito dentro da sala de aula. Além disso, observamos a importância de discutir as questões de gênero, identidade, subalternidade e raça. Passamos a pensar de modo mais profundo em questões pedagógicas que leve em consideração a diversidade e pluralidade, e consequentemente, mais inclusão.

Deste modo, aprendemos que é possível trabalhar pedagogicamente com conceitos de fronteiras e identidade no processo de aprendizagem. Compreendemos que é uma maneira diferente de conhecimento, múltiplo, aberto, capaz de trazer novas configurações de pensar, desconstruindo (pré) conceitos estabelecidos. E um dos fatores mais importante para essa desconstrução é a transformação do próprio professor, que ele possa ter uma reflexão sobre seus posicionamentos e saiba lidar com a diversidade de posturas, pensamentos, sexualidade, religião, existente no espaço escolar.

Cabe ao professor compreender a cultura visual dos seus alunos, quais são as imagens mais vistas em seu cotidiano, seja no bairro ou pela internet. Onde a escola está inserida, ela é engajada em projetos sociais? Entende a realidade dos seus alunos? Abrir o diálogo para que professor e alunos entendam todo processo hegemônico existente e que saibam que podem vencer os limites, as fronteiras a que todos nós estamos sujeitos, transformando a escola em um espaço aberto para que todos possam se manifestar.

Inicialmente, compreendemos melhor os conceitos de educação, de como a arte foi e está sendo trabalhada no ensino formal, pensamos na postura do professor diante “das diversidades”. Nas disciplinas: História da Arte: da Pré-História ao Barroco; História da Arte: do Neoclássico ao Pós-impressionismo; História da Arte: das Vanguardas Artísticas à Contemporaneidade aumentamos nosso repertório de imagens, obras de artes, técnicas, expressões. O homem desde os primeiros artefatos bidimensionais, por meio da pintura, do desenho, da gravura, bem como os registros tridimensionais, como as esculturas e a arquitetura, busca se perpetuar na história. Seja do cotidiano, das tarefas básicas, da vida em grupos sociais, ou a partir do conhecimento, desde o domínio do fogo até hoje da tecnologia digital, de suas

realidades, representatividade, cultura, subjetividade, críticas, enfim, registrar sua existencialidade no mundo físico quanto nos repertórios imagéticos dos espectadores de seus registros/obras.

Na disciplina História da Arte da Pré-histórica ao Barroco (percurso 01) que teve o professor doutor Samuel Jose Gilbert de Jesus, e como ementa:

História das manifestações artísticas desde a arte rupestre até a segunda metade do Século XIX. Articulações entre diferentes sujeitos, obras, movimentos, referências e contextos históricos, enfatizando as produções artísticas africanas, asiáticas e, principalmente, europeias. (PPC Curso de Licenciatura em Artes Visuais - EAD - UFG, 2014, p. 44)

Nessa disciplina podemos compreender o surgimento da arte, as primeiras manifestações visuais feitas pelo homem no período paleolítico. Conhecemos o estilo de arte das civilizações antigas, orientais, arte da antiguidade clássica greco-romana, arte medieval cristã, arte paleo-cristã, os estilos bizantinos, romântico e gótico.

Em uma das atividades a proposta foi realizar uma análise de uma obra de arte. Tivemos a oportunidade de aumentarmos nosso repertório artístico como: identificar os elementos visuais, contexto histórico, material usado. Essa atividade nos trouxe um olhar mais atento, crítico, diante de uma obra de arte. Assim compreendemos o surgimento das primeiras imagens feitas pelo homem e por meio dessas imagens entendemos como o homem vivia e se organizava.

Na disciplina História da Arte: do Neoclássico ao Pós-impressionismo (percurso 02), ministrado também pelo professor doutor Samuel Jose Gilbert de Jesus, foi dividida em 3 partes: Surgimento da Modernidade do Neoclássico ao Romantismo; A Consolidação do Modernismo e o surgimento da Fotografia; No Caminho da ruptura do Impressionismo ao Pós-impressionismo. Sendo essas disciplinas dedicadas ao estudo de obras e dos principais movimentos artísticos do século XIX.

Na disciplina História da Arte: das Vanguardas Artísticas a Contemporaneidade (percurso 03), foi ministrada pela professora doutora Noeli Batista dos Santos, momento que estudamos o Expressionismo, Cubismo e Futurismo, Suprematismo, Construtivismo e Neoplasticismo, Dadaísmo e Surrealismo, escultura e arquitetura moderna e a Escola Bauhaus. A disciplina foi organizada em três eixos, são eles: corpos, artefatos e ambientes.

Nessa disciplina tivemos a oportunidade de nos aprofundarmos nos principais movimentos das vanguardas européias que romperam com a Arte tradicional, tendências essas que tomaram a Europa no século XX.

Aprofundarmo-nos na história da arte é fundamental para conhecermos os períodos, estilos e movimentos artísticos de cada época. Para que assim, possamos entender as produções artísticas, pois compreendemos como eram os costumes, crenças e modos de viver, aspectos sociais, políticos, econômicos e religiosos de um determinado povo. Conhecer o repertório de outros povos para respeitar e valorizar culturas diferentes da nossa.

A história da arte nos permite ampliar nossos conhecimentos de forma crítica. Por meio de análises e interpretação percebemos que a arte de um determinado artista pode ser reflexo de seu tempo, mas ela extrapola aos pensamentos sociais da época, contém seu modo único de ver e estar no mundo, sua forma de interagir e suas reflexões sobre sua contemporaneidade. Ela nos traz repertórios não só imagéticos, mas sobre sua época, estilos de vida, espaços sociais e percepção dos contextos, como por exemplo, determinado movimento artístico que ocorriam em diferentes países e espaços físicos que dialogavam ou rompiam com outros movimentos.

Passamos então a descrever nossas experiências com as disciplinas de estágio supervisionado. Ressaltamos a importância do estágio tanto para os alunos, em seu processo de formação para conhecerem o campo prático de sua futura profissão, quanto para a universidade, os professores universitários terem conhecimento das mudanças pela qual a educação passa. Uma vez que ela acompanha os movimentos e as modificações que a comunidade do entorno da escola passa.

Conceber o estágio curricular obrigatório enquanto práxis sinaliza questões fundamentais não somente aos futuros docentes, como possibilita também aos professores universitários estar em contato com as múltiplas realidades enfrentadas pelos estagiários, e refletir sobre os próprios processos formativos, entendendo-os enquanto construção que irá dimensionar o perfil da formação e atuação docente deste futuro profissional. (ALVES; BAUMGARTEN; OLIVEIRA, 2009, p. 3434)

O estágio está entre escola e universidade, e:

[...] esse movimento pendular entre ambos os espaços, alternando entre a situação de formação e a situação de trabalho, apresenta fundamental importância no processo de formação dos futuros professores. Contudo, esse movimento deve ser assumido numa dimensão muito mais ampla que, ultrapassando a dimensão do tempo e do espaço físico, considera a partilha das idéias, das experiências, das concepções, dos desafios, das

estratégias, das metodologias, dos contextos, entre outras. (ALVES; BAUMGARTEN; OLIVEIRA, 2009, p. 3433)

Os estagiários de licenciatura têm a possibilidade de identificar no campo como são as interações e as reais condições da prática docente. Ali percebemos que não é apenas o professor e os alunos. O entorno e os participantes da comunidade escolar devem ser avaliados, pesquisados, como se dão as relações, quais são as realidades sociais e econômicas dos estudantes, em que contexto eles estão inseridos, quais conceitos da cultura visual estão mais próximos.

Nossa primeira experiência foi durante o percurso 5 do curso. A disciplina Estágio Supervisionado I foi ministrada pelas professoras doutoras Noeli Batista dos Santos e Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral. Em sua ementa traz o:

Acompanhamento de práticas educativas das Artes Visuais no contexto educacional local. Definição de objetivos, características e procedimentos de observação para descrição, análise e experimentação de práticas de ensino e processos de aprendizagem em arte em contextos educacionais formais ou não-formais. (PPC Curso de Licenciatura em Artes Visuais - EAD - UFG, 2014, p. 54)

No primeiro contato da disciplina fomos levados a pensar sobre nossas expectativas em relação à disciplina, fundamentando nossa experiência com o texto: O conto da ilha desconhecida, de SARAMAGO (1998). Onde o homem que ganha o barco do rei insiste em encontrar a ilha desconhecida, no transcorrer do texto percebe-se que ela habitava dentro de si, o que nos fez perceber que a zona de conforto não nos traz conhecimento. Não é possível que o conhecimento se dê de forma isolada, sem livros, experiências anteriores, sem contextualizar ou recortar o que se deseja aprender.

O aprendizado começa com o primeiro passo: o desejo, o interesse em conhecer novos conteúdos/aprendizagens. Não há uma única, correta, definitiva e eficiente metodologia para ensinar, ou aprender (TOURINHO, 2016, p. 110). Irene Tourinho (2016) fala de metodologias-metáforas que nos faz repensar nossa prática pedagógica, se utilizam de escadas, tijolos, janelas e sombras para que possamos compreender que existem várias formas de abordar certos temas, contextualizando o lugar de ensino, sempre com o propósito de não ficarmos estáticos metodologicamente. A sala de aula é dinâmica e é buscando novas formas de ensinar, compreendendo que os alunos são autores do seu próprio conhecimento/aprendizagem, valorizando suas vidas, contextos e experiências.

Começamos a pensar metaforicamente a relação ensino/aprendizagem, compreendendo a importância do planejamento, dos objetivos e a metodologia para

se alcançar o resultado desejado. Iniciamos uma travessia, onde começamos a utilizar um diário de bordo⁵, como forma de relatar nosso trajeto e o que estamos aprendendo com ele. Aprendemos os requisitos para planejamento do ensino: como a importância do educador conhecer os conceitos centrais e leis gerais da disciplina, seus conteúdos básicos, assim como seus procedimentos investigativos.

Buscar exemplos concretos e atividades práticas que evidenciam os conceitos e leis gerais, os conteúdos e os assuntos de maneira que todos os entendam. Iniciar o ensino do assunto pela realidade concreta (objetos, fenômenos, visitas, filmes), para que os alunos formulem relações entre conceitos, ideias-chave, das leis particulares às leis gerais, para chegar aos conceitos científicos mais complexos. Propor hipóteses e saber conduzir os alunos para que através de situações de aprendizagem mais complexas e imprecisas que possam estimular a iniciativa e a criatividade dos mesmos.

E nesse entremeio teórico e prático, iniciamos nosso estágio presencial na escola, onde percebemos, além do receio de uma nova profissão, a relação dos professores com os alunos se modifica a partir da idade/série e também das turmas. Existe também a relação com a coordenação, onde alguns professores têm mais liberdade em seus métodos e outros são supervisionados. Nesse período somente a discente Jozilene Santana concluiu o Estágio Supervisionado I presencialmente, apesar de o discente Wellington Nunes ter iniciado a disciplina presencialmente, não concluiu todas as atividades, retomando a disciplina um semestre depois, já no início da pandemia da COVID-19, período que não foi possível participar presencialmente. O que vamos relatar com mais detalhes no próximo item.

A discente Jozilene Santana assistiu às aulas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, no Colégio Polivalente Tributário Henrique Silva, em Goiânia - GO, onde acompanhou de perto a relação entre a professora supervisora e os alunos. Ela cumpriu suas horas no período matutino, as aulas tinham a duração de 45 min. A professora trabalhou com os conteúdos do modernismo e do renascimento de acordo com a turma. Tinham aulas práticas, participou ativamente de uma com alunos do 7º ano, trabalho em grupos e seminários. Percebeu também que a questão do tempo de aula ser curto e a estrutura das salas de aula não eram adequadas para as aulas práticas de artes visuais. Somente por meio do estágio os

⁵ **Diário de Bordo** é um meio metodológico onde os discentes podem registrar suas atividades, reflexões e comentários sobre o andamento dos conteúdos que estão desenvolvendo.

alunos passam a conhecer a realidade do contexto escolar e compreender que o professor tem que saber lidar com todas as variáveis.

Criamos um kit atlas⁶, onde tivemos a liberdade de escolher o tema e as imagens de um banco de imagens. Fundamentamo-nos na importância do ensino de arte segundo BARBOSA (2005, p. 28), que ressalta que “há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa”. No início da alfabetização, antes que as letras façam sentido, elas têm formas próprias e a arte desenvolve a discriminação visual das mesmas, o que é essencial para alfabetização. Desenvolvendo a visualidade da criança ela consegue diferenciar as palavras pelo aspecto visual. A representação gráfica ajuda bastante na comunicação verbal.

Depois levanta a importância da imaginação, mas em sua função primordial, para que o adolescente tenha capacidade de se expressar ou construir sua identidade e posição na sociedade. Esta que impõe regras e não significações, para Edmund Buke Feldman há a necessidade de ritualizar nossas crises de confronto com a vida, durante várias fases do nosso crescimento (apud BARBOSA, 2005, p. 30). E a arte pode cumprir bem esse papel, através de sua expressão. Lembrando como o conhecimento estético pode ser significativo em várias áreas ligadas a arte. Pois a arte na escola “[...] pretende formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte [...]” (BARBOSA, 2005, p. 32). O que aumenta a capacidade de entendimento da produção artística pelo público.

No kit atlas utilizamos o Método Comparativo de Análise de Obras de Arte de Edmund Buke Feldman, onde diz que “[...] aprender a linguagem da arte implica desenvolver técnica, crítica e criação e, portanto, as dimensões sociais, culturais, criativas, psicológicas, antropológicas e históricas do homem” (apud BARBOSA, 2005, p. 43). Para tanto, propõem que devem ser apresentadas mais de uma obra para os alunos para poder exercitar a análise comparativa. Para a leitura de uma obra de arte ganhe mais consciência e significativa, Feldman propõe quatro processos: Descrição: observar atentamente os objetos, formas na obra, para que o observador possa assimilar com mais detalhes, se familiarizarem; Análise: observar o comportamento do que se vê, como é a obra, suporte, técnica, tipos de linhas ou pinceladas, materiais; Interpretação: dar significado a obra, estabelecer diálogos;

⁶ **Kit Atlas:** material didático-pedagógico desenvolvidos pelos discentes composto por três recursos: 1) caderno do professor; 2) pranchas de imagens; 3) o aparato no qual será montado ou apresentado seu Kit (caixa, pasta, envelope etc.).

Julgamento: opinar sobre a obra, atribuindo valor estético e artístico. Feldman se preocupava muito com a leitura formal aliada à leitura de significado.

Encerramos a disciplina com a apresentação dos nossos kits atlas para os professores supervisores e para as professoras que estavam nos acompanhando na disciplina de Estágio Supervisionado I, momento em que nos apontaram a viabilidade da sua utilização em sala de aula, bem como sugestões para que pudéssemos ajustá-lo.

Iniciamos o Estágio Supervisionado II, que foi ministrado pela professora doutora Noeli Batista dos Santos. Nesse semestre havia sido decretado o isolamento e as atividades de estágio supervisionado não eram mais presenciais. Toda rede de ensino estava se adaptando para o ensino remoto, assim também foram os estágios. E a ementa da disciplina foi adaptada para a nova realidade: Análise de práticas educativas das Artes Visuais decorrentes do contexto educacional da região local, e em contextos reais e/ou simulados (estudos de caso, narrativas visuais, narrativas audiovisuais e narrativas fílmicas). Planejamento, elaboração, desenvolvimento e avaliação de projetos de ensino e aprendizagem em Artes Visuais em diferentes níveis: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, EJA/EAJA, integrando as modalidades de ensino presencial e a distância. Experimentação da prática pedagógica em instituição escolar e/ou espaços educativos não formais, incluindo diálogo e experimentação pedagógica em plataformas digitais.

A disciplina foi dividida em três etapas. No início da disciplina assistimos o filme Fernão Capelo Gaivota, que pudemos correlacionar com a trajetória de nossa própria formação, enquanto discentes de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância. Pensamos aqui não somente a reflexão sobre conceitos e conteúdos, metodologias, práticas pedagógicas, mas também a reflexão de nossa própria identidade e subjetividade. O que aprendemos com esse percurso? Como saber fazer as escolhas certas, em um contexto conturbado, em plena pandemia da COVID-19.

Na próxima etapa, começamos a traçar um planejamento de ação didático-pedagógica com base no método de Abigail Housen (apud ROCHA, COIMBRA, 2006, p. 88). Desta vez escolhemos uma obra de arte do Acervo de Artes Visuais do Centro Cultural UFG (disponível em < <https://acervo.centrocultural.ufg.br/>>) e associamos a algum conceito de arte, como, por exemplo, pintura, gravura,

escultura. Durante o processo de construção do planejamento, nos fundamentamos nos autores LIBÂNEO (2006) e ROCHA, COIMBRA (2006).

Desta vez fizemos um planejamento um pouco mais complexo, onde escolhemos o público alvo, pensamos nos conteúdos e objetivos. Experimentamos na prática os estágios do método de Abigail Housen, onde descrevemos cada estágio, um gabarito, para orientar o professor no momento de colocar em prática o planejamento. Encerramos a disciplina apresentando para a professora formadora e a professora supervisora, de forma online, através da ferramenta Google Meet, para realizar uma videoconferência com o grupo de apresentação específico. Onde recebemos orientação para os ajustes devidos no planejamento e postagem da versão definitiva.

Nesta caminhada de percurso, vimos todas as estruturas sociais se adaptando ao que muitos estavam chamando de nova realidade, meios e modos que passamos a agir para o enfrentamento do novo coronavírus, responsável pela pandemia da Covid-19. Assim a disciplina Estágio Supervisionado II, no primeiro semestre de 2020 e para quem fez no percurso no segundo semestre, não foi possível acompanhar as aulas, que por algum tempo foram suspensas, de gradualmente foram retornando por meio do ensino remoto, o que exigiu dos professores muita habilidade e resignação para transpor as dificuldades financeiras, sociais, emocionais, materiais e de conhecimento tecnológico. Todos tiveram que se adaptar às novas práticas educacionais.

Na disciplina de Estágio Supervisionado III, ministrada pela professora doutora Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral, que teve em sua ementa adaptada para o novo contexto da pandemia: Investigação etnográfica em diálogo com as dinâmicas da escola e outros contextos educativos, reais e/ou simulados (estudos de caso, narrativas visuais, narrativas audiovisuais e narrativas filmicas); Planejamento, desenvolvimento e avaliação de projetos educacionais em artes visuais, incluindo diálogo e experimentação pedagógica em plataformas digitais. Estudos e reflexões sobre a construção da subjetividade docente. Começamos a articular teoria e prática, com fundamentação teórica com autores como John Dewey (apud WOSNIAK, LAMPERT, 2016), que nos trouxe à importância da experiência estética dos alunos no contexto escolar:

[...] a filosofia da Arte como experiência de Dewey (1934) revela que o trabalho artístico perpassa todo o organismo humano, iniciando no devaneio e na produção imaginativa. Porém, necessita de ordenação, ou seja, requer

que o artista domine conhecimentos específicos – de natureza técnica, relacionados ao fazer artístico. O filósofo, no desenvolver de sua teoria, comenta sobre a tomada de consciência no processo da experiência estética. Ela consiste em ter o conhecimento de todo processo de elaboração da obra de arte – da imaginação à técnica. A filosofia de Dewey centra-se principalmente em torno da experiência estética, que é intimamente ligada ao ato criador [...]. (WOSNIAK, LAMPERT, 2016, p. 259-260)

Quando pensamos nos meios de articular o ensino na educação infantil, precisamos nos fundamentar em propostas teóricas que nos tragam reflexões de modo a alcançarmos nossos objetivos na aprendizagem.

A compreensão da relação entre experiência e aprendizado se torna possível quando o ponto de partida distancia-se de conteúdos prefixados e busca-se conteúdos relacionados à experiência, iniciados pela criança, pela observação do interesse pelo tema ou situação. Quando se elimina o controle externo e se adota formas democráticas, colaborativas (entre crianças e adultos), de investigação de conhecimentos que respondem às indagações das crianças, há estreita relação entre experiência e aprendizagem. (KISHIMOTO, 2016, p. 7).

Aprofundamo-nos na BNCC - Base Nacional Comum Curricular e o DCGO - Documento Curricular para Goiás, compreendendo que o profissional da educação precisa estar atento aos documentos norteadores que regulamentam a educação e a arte educação. Conhecemos a linha do tempo da legislação anterior até o seu desenvolvimento atual. Bem como o processo de desenvolvimento do documento específico para o Estado de Goiás. Participamos de fóruns dentro da nossa plataforma de ensino, o Moodle Ipê, interagindo com os outros discentes, ampliando a reflexão, interação, por meio da mediação dos professores. Assim, nossas ações educativas e/ou planos de aula começam a ser fundamentadas e contextualizadas nas habilidades e conteúdos propostos na Base Nacional.

A partir de uma pesquisa etnográfica, contextualizamos o espaço escolar em que estagiamos a partir das três dimensões: institucional, pedagógica e sociocultural. Também tivemos a oportunidade de participar das aulas online, onde fizemos relatórios de como se dava, observando a dinâmica, a interação e as dificuldades do ensino remoto.

Fizemos então um planejamento de uma ação educativa, fundamentada na abordagem triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa. Onde criamos procedimentos metodológicos com base nas ações básicas da abordagem triangular (BARBOSA, 2005, p. 34): contextualização; leitura de imagem; produção artística. Articulamos propostas de leitura de imagens por meio de métodos que aprendemos: como de Feldman, Abigail Housen, por exemplo, com a contextualização a partir de

vídeos de ensino de arte para definir uma proposta de aula prática de nossa escolha. Planejamento que foi apresentado para o professor formador e o supervisor para sermos avaliados quanto ao domínio do conteúdo passado.

Concretizando um dos princípios norteadores para a formação do profissional em arte educação de acordo com o Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Artes Visuais – EAD: Articulação entre teoria e prática.

Os processos de ensino-aprendizagem adotados pelo Curso apresentam uma diversidade decorrente da natureza dos conteúdos ministrados, mas também pela forma experimental e inovadora que se pretende implementar nesta proposta. Levando em consideração esta premissa, a prática na matriz curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais não fica reduzida a um espaço ou disciplina isolada, como por exemplo, em disciplina de estágio supervisionado. Esta deixa de ser compreendida como algo fechado em si mesmo e desarticulado do restante do curso e passa a dialogar com outras disciplinas, favorecendo uma fundamentação contextualizada do campo artístico e educacional. (PPC Curso de Licenciatura em Artes Visuais - EAD - UFG, 2014, p. 24)

Constatamos que articulamos disciplinas como Leitura e Compreensão de Imagens, as de ateliê, as metodológicas/teóricas e experienciamos na prática, por meio de planos de aulas ou planejamentos de ações educativas, a utilização dessas aprendizagens, para possíveis aplicações em contextos escolares ou culturais/artísticos.

Na disciplina Estágio Supervisionado IV, ministrada pela professora doutora Nayara Joyse Silva Monteles, que em sua ementa também adaptada ao contexto da pandemia consta: Estudos transdisciplinares em diálogo com o planejamento, desenvolvimento e avaliação de projetos educacionais nos campos de estudos das artes visuais e/ ou da cultura visual, incluindo diálogo e experimentação pedagógica em plataformas digitais. Discussão sobre as problematizações e contribuições do estágio supervisionado na formação crítica do sujeito docente, potencializando noções de ensino e aprendizagens no espaço escolar em conexão com a vida cotidiana. Fundamentamo-nos em autores como ANDRADE (2020) e ZAMPERETTI (2021), que por meio de pesquisa nos trazem grandes reflexões do ensino durante a pandemia.

ANDRADE (2020, p. 75) diz que na escola as “[...] pessoas se encontram, com uma vasta diversidade de estilos de vida, concepções de mundo, e um currículo a ser desenvolvido, contestado, ensinado, aprendido e ressignificado [...]”. É a partir dessa interação de todas essas experiências que acontece a relação ensino/aprendizagem, sem excluir problemática da sociedade e suas crises

escolares. Porém, com a pandemia os espaços físicos foram substituídos por espaços virtuais e:

[...] as tecnologias da informação estão revolucionando as formas de construir conhecimento e a tendência é que elas se multipliquem ao longo dos anos. A escola se encontra cada vez mais desafiada a enfrentar os dilemas que têm origem nas diferenças, na pluralidade cultural e étnica dos seus sujeitos e atores. (ANDRADE, 2020, p. 76)

Nem todos estavam preparados para utilizar essas tecnologias, muitos professores não tinham muita intimidade com essas ferramentas, a maioria tiveram que investir em aparelhos com melhor qualidade para gravar suas aulas ou realizar os encontros síncronos. Alguns problemas surgiram nesse processo, como as diferenças sociais, não somente nas questões materiais, como ter um computador ou celular como ferramenta no momento do estudo ou ter acesso à internet, mas também no auxílio e condições dos responsáveis de acompanhar os alunos nas aulas online. Ainda estamos em busca de soluções, ANDRADE (2020, p. 81) conclui que:

Reinventar a função do sistema de ensino e aprendizagem leva-nos a uma discussão em torno de projetos em evidência nessa conjuntura, da formação docente continuada específica e dos elementos constitutivos da práxis pedagógica. A ambiência escolar torna-se um espaço que contribui para a interseção da diversidade cultural que a circunda e a constitui, espaço de significar, de dar sentido, de produção do conhecimento, valores e competências fundamentais para a formação humana dos que ensinam e dos que aprendem.

ZAMPERETTI (2021) por meio da netnografia⁷ nos traz reflexões do ensino de arte no período da pandemia. Mas a verdade é que estamos todos inseridos no mesmo contexto: distanciamento social, uso constante de máscaras, noções básicas de higiene das mãos. Modificando nossa percepção e nos forçando a conhecer e a utilizar de forma acentuada as TICs. ZAMPERETTI (2021, p. 39) nos fala que:

Novas formas de vivenciar o uso das tecnologias produziram consideráveis modificações nas formas de ensinar e aprender, obrigando professores e alunos a utilizarem em suas aulas diferentes mídias, a maioria criada com fins comerciais, e que necessitam serem repensadas para suas demandas pedagógicas específicas [...].

É fato que as políticas públicas já poderiam de alguma forma ter introduzido o uso das TICs no ensino, mas com a pandemia essa necessidade se tornou real. “[...] O que se observa é que as TMSF⁸, geralmente adquiridas por iniciativas

⁷ **Netnografia**: procedimentos etnográficos da observação participante somados às interações mediados por **TICs** - Tecnologias de informação e comunicação.

⁸ **TMSF**: Tecnologias da Informação Móveis e Sem Fio - dispositivos computacionais portáteis – notebooks, smartphones, tablets, dentre outros, que utilizam redes sem fio. (ZAMPERETTI, 2021, p. 39)

individuais, têm se tornado uma das principais mídias utilizadas na escola” (ZAMPERETTI, 2021, p. 39). E mesmo sem que muitos docentes tivessem intimidade com essas novas plataformas, saíram da zona de conforto e foram se organizando, adquirindo ferramentas, como notebooks, webcams, smartphones, e aprendendo a utilizar plataformas novas ou modificando o uso das já conhecidas redes sociais, como *Facebook*, *WhatsApp*, adaptando-os para o ensino remoto.

Na disciplina de Estágio Supervisionado IV utilizamos o *Instagram*, rede social de compartilhamento de imagens, como diário de bordo visual coletivo, onde buscamos uma imagem que representasse as aulas online que assistimos dos professores supervisores. Presenciamos o retorno das aulas presenciais, mantendo as online, de forma simultânea. Identificamos as dificuldades como saber manusear várias ferramentas ao mesmo tempo. Um bom exemplo é de uma das aulas que acompanhamos que o professor além de utilizar o computador, utilizava o celular para ficar online no Google Meet para conseguir ouvir e falar com os alunos online enquanto estava ministrando a aula. Ao projetar o conteúdo para os alunos presenciais, apresentava também para os alunos online, por meio da plataforma. Muitos são os desafios daqui para frente e nós, futuros licenciados em Artes Visuais, precisamos ficar atentos a todas essas mudanças. Acreditamos que as TIC's vieram para ficar e nos auxiliar no ensino.

2.3 Narrativas sobre os Recursos Metodológicos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a Distância (2017-2021)

Percebemos ao longo de nossa trajetória as adaptações que todo ensino passou diante da pandemia da COVID-19, podemos então distinguir processos metodológicos antes e depois deste marco. O curso já era na modalidade a distância, mas tínhamos nos primeiros percursos dois encontros semestrais. O primeiro normalmente em Goiânia reunia docentes, técnicos administrativos e discentes para a apresentação do semestre e para aulas presenciais de algumas disciplinas, já o segundo no polo de origem de cada discente, que acontecia em dois momentos, em uma sexta-feira à noite e no sábado de manhã, momento que realizávamos as avaliações e tínhamos aulas. Posteriormente, passaram a ter três encontros, sendo um em Goiânia e os outros dois nos polos. E com a pandemia foram suspensos.

Os encontros presenciais sempre foi um valioso recurso para nós do ensino a distância, que apesar de considerarmos poucos, sempre nos integrava a faculdade, ao curso e nos aproximava dos colegas de todos os polos. Esses encontros nos motivavam e nos permitia continuar nossos estudos sabendo que não estávamos sós. O ensino a distância exige do discente disciplina e uma boa organização do tempo. Com a pandemia, passamos a utilizar mais os recursos digitais e várias plataformas que também puderam nos reconectar. Pensamos então que antes da pandemia as disciplinas não utilizavam muitos recursos audiovisuais e não tínhamos tantos encontros síncronos, esses recursos além de nos aproximar, nos auxiliaram mais na compreensão e no aprendizado das disciplinas do curso. Ao assistirmos uma explicação por meio de vídeo ou ouvirmos um áudio usamos outros sentidos, facilitando na compreensão e entendimento do conteúdo. Estreita a relação docente/discente ao ver ou ouvir os professores, reduzindo assim possíveis desistências. Disciplinas que usaram textos para explicação e como recursos didáticos sempre foram mais difíceis e por vezes achávamos maçantes e ficávamos desmotivados.

Acreditamos que mesmo que tenhamos alguma perspectiva dessa pandemia passar, essas experiências foram bastante positivas, principalmente para alunos do ensino a distância. Utilizar mais recursos audiovisuais, transitar também por outras plataformas digitais além do Moodle Ipê, como o Google Forms⁹ para avaliações, o Google Meet e o Zoom para encontros síncronos, o Google Classroom¹⁰ para disponibilizar conteúdos, e tantos outros, que são plataformas mais utilizadas no ensino fundamental e médio hoje, podem conferir mais experiência para que possamos ser profissionais mais completos e iniciados nas tecnologias digitais. Podemos citar também as experiências positivas utilizando as redes sociais: *Facebook, Instagram, WhatsApp*, sendo o último foi primordial a utilização de grupos para mensagens instantâneas nas disciplinas de Estágio Supervisionado. Mesmo levando um tempo para que os discentes entendessem que não era um grupo familiar ou de amigos, e interagisse somente com questões referentes aos estágios.

⁹ **Google Forms** é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas, pode ser utilizado para pesquisar e coletar informações sobre outras pessoas e também podem ser usados para questionários (avaliações) e formulários de registro.

¹⁰ **Google Classroom** é um sistema de gerenciamento de conteúdo para escolas que procuram simplificar a criação, a distribuição e a avaliação de trabalhos.

Sentimos falta de um canal de comunicação mais direcionado para os discentes que por algum motivo ou outro, estão em dificuldades em continuar com seus estudos. Em nosso caso conversamos, por meio de mensagens no Moodle Ipê, quanto as nossas vidas e dos processos que a pandemia nos trouxe. Contamos com o apoio da coordenadora do curso, com palavras de estímulos e de motivação. Mas vivenciamos na pele a importância das relações humanas e da empatia. Tivemos nos grupos e colegas mais próximos a segurança para continuar a trajetória, mesmo sem muitas forças. Em momentos de fragilidades, um erro de comunicação ou uma palavra fria pode ser preponderante para desistência do curso. Observar essas situações, não sob um olhar como de um profissional da psicologia, mas de alguém que busque fortalecer vínculos, motivar, orientar para mais alunos continuem as suas trajetórias na vida acadêmica e concluam o curso superior, reduzindo a evasão e construindo memórias afetivas de superação e gratidão.

3 O IMPACTO DA COVID-19 EM NOSSO PROCESSO FORMATIVO

Desde o início da pandemia da COVID-19 tivemos muitas dificuldades no âmbito emocional, psicológico e cognitivo, sem falar das perdas e instabilidades financeiras e materiais, o que impactou diretamente em nosso percurso na formação em Licenciatura em Artes Visuais, na modalidade a distância. Foi, particularmente, um momento muito difícil em nossas vidas.

Houve uma mudança drástica no modo de vida, passamos a viver sem contato físico, sem convívio coletivo. Esse processo impactou no modo como pensamos o ensino e, também, no modo como estudamos e experienciamos as atividades propostas no curso de artes visuais. Tivemos que nos adaptar e nos sujeitar a viver de um modo diferente do que estávamos habituados.

Nesse sentido, assim que foi noticiado o primeiro caso pelo novo coronavírus Sars-CoV-2 na China, em dezembro de 2019, o mundo passou a acompanhar de perto, em um tempo de economia globalizada, em que a maioria dos países mantém relações comerciais, muitas pessoas transitam pelo mundo, a trabalho ou a passeio, conectando todos os países de alguma forma. No início, o novo coronavírus foi sendo transmitido a partir de pessoas que faziam viagens internacionais, o levando de um país para outro. Posteriormente por transmissão comunitária, é quando não se sabe a origem da infecção, indicando que o vírus circula entre as pessoas. A pandemia assolou o planeta e mudou a realidade da população que precisou se adaptar a planos contingenciais para conter a proliferação do vírus, não havia nenhum conhecimento de sua ação no organismo humano, apenas que muitas pessoas não resistiriam à infecção e vieram a óbito.

No Brasil, houve muitas dúvidas em relação às primeiras contaminações, eventos como o réveillon e o carnaval, que recebemos muitos estrangeiros podem ter contribuído para a chegada do vírus. Passamos a acompanhar as notícias pela televisão, internet e para alguns de nós, através de amigos que moram no exterior. A Organização Mundial da Saúde - OMS, assume um papel importante na divulgação dos primeiros estudos e da progressão das contaminações, até se tornar o que chamamos de pandemia (epidemias em escala mundial). Acompanhamos a disseminação do vírus em uma escala muito curta de tempo. Assim, os primeiros países começam a decretar o isolamento social, como uma tentativa de reduzir a velocidade de contaminação.

Em Goiás, as medidas de isolamento começaram a partir de 13 de março, com o decreto de nº 9.633, de 13 de março de 2020, que “dispõe sobre a decretação de situação de emergência na saúde pública do Estado de Goiás, em razão da disseminação do novo coronavírus (2019-nCoV)” (GOIÁS, 2020).

Sem nos aprofundar no contexto atual e histórico que estamos vivendo com a pandemia, resolvemos priorizar nossas vivências pessoais diante dos problemas que surgiram. Devido ao isolamento, a maioria dos comércios, as escolas, os eventos públicos, shoppings, parques foram fechados, inicialmente por 15 dias, sendo prorrogado, mantendo apenas o comércio e serviços essenciais, como supermercados, farmácias, hospitais, dentre outros.

Tivemos nossas atividades acadêmicas suspensas em decorrência da pandemia. Nossos encontros presenciais na Faculdade de Artes Visuais - UFG, foram cancelados, pelo motivo do isolamento e isso nos trouxe muita apreensão, porque os encontros eram e são muitos significativos para nossa aprendizagem e socialização, essa interação consolida nossa formação e nossa relação com professores e colegas de mesmo polo ou polos diferentes, quando o encontro era realizado em Goiânia - GO.

Os estágios supervisionados, que tem um grande peso para nosso processo de formação, também foram prejudicados visto que na EAD os mesmos são presenciais. Não podíamos conviver presencialmente, perdemos uma experiência significativa, considerando a aprendizagem no contexto anterior a pandemia, mas ganhamos ao vivenciarmos, em nossa formação, como foram as mudanças e adaptação social e escolar com a pandemia. Vimos toda comunidade acadêmica e escolar, buscando novas possibilidades para o ensino, vimos o descaso institucional com nossos professores, as diferenças sociais e a importância dos responsáveis na educação dos alunos.

Consideramos os estágios supervisionados o primeiro contato do discente com a realidade do campo de trabalho e a partir dessa experiência podemos construir aprendizagens e conhecer os desafios da profissão e algumas formas práticas de vencê-los. Com a pandemia, nossos estágios foram realizados de forma remota, por meio de plataformas digitais de videoconferências, de aplicativos de comunicação, como por exemplo, o *WhatsApp*, com o auxílio dos professores supervisores que também nos relataram suas experiências e aflições.

Além disso, no curso passamos a vivenciar os encontros por meio do Google Meet, que nos oportunizava ter maior contato com as pessoas de outros polos e também com os professores supervisores. Temos que reconhecer que devido a esse contexto de pandemia passamos a discutir massivamente sobre o processo formativo por meio do uso de tecnologias e plataformas digitais. Passamos a acompanhar os desafios docentes em distintos contextos de Goiás, escolas da rede municipal, estadual e federal.

Nunca mais seremos os mesmos ou veremos o mundo do mesmo modo como antes. É sobre isso que iremos relatar agora, visto que não separamos nosso processo formativo de quem somos como sujeitos. Somos um só ou somos muitos e um, habitam em nosso ser: o professor, as professoras, o artista, as artista, o estudante, as estudantes, filho e filhas, etc.

Diante do exposto, destacamos que a pandemia nos trouxe perdas incalculáveis, perdemos entes queridos, empregos. Observamos amigos e familiares em situações materiais e emocionais deploráveis. Jamais imaginaríamos que essa situação nos atingiria de forma tão direta. Perder um parente, amigo, mãe, irmão é muito doloroso, nos trouxe várias consequências emocionais que jamais serão esquecidas ou apagadas. Pensamos em desistir do curso. O discente Wellington Nunes foi o primeiro a suspender sua formação, um semestre antes da pandemia, por conta de uma estafa mental por conta de dificuldades na vida pessoal. Quando pensou em retornar, com a intenção de refazer as disciplinas abandonadas, a pandemia adia seu processo de formação outra vez.

A discente Lara Cirilo perdeu o emprego logo no início da pandemia. Sua condição financeira ficou extremamente prejudicada, principalmente por que seu esposo, que é comerciante, viu seu local de trabalho fechado, dificultando honrar seus compromissos financeiros. Amigos e parentes foram contaminados. Sua tia ficou em estado grave (Figura 18), sendo transferida para uma UTI (Unidade de Tratamento Intensivo), no Hospital de Campanha de Goiânia, onde foi entubada. Lara auxiliou sua tia durante 20 dias até receber alta hospitalar. E nesse período em que a pandemia se impôs em nosso cotidiano, sem muito saber ou conhecer sobre a ação do novo coronavírus no organismo humano, sem perspectiva de fim ou cura, seu processo de formação foi deixado em segundo plano, pois em primeiro plano veio a sobrevivência, os cuidados com os afetos e a luta pela vida.



Figura 18: lara auxiliando nos cuidados de sua tia.
Hospital de Campanha (HCAMP) Goiânia, set 2020
Fonte: Acervo pessoal

Em outubro de 2020 inicia um novo emprego na área de vendas empresa de varejo de grande porte, com carga horária que se estendia diariamente, visando lucro tentando driblar a pandemia, com o isolamento os vendedores passaram a trabalhar em casa, buscando atingir as mesmas metas. Em fevereiro de 2021 foi contaminada pelo coronavírus, prejudicando os estudos. E infelizmente, em março de 2021, seu irmão Carlos Roberto é contaminado com vírus, interna vai para UTI, foi entubado, passou por várias hemodiálises e outros procedimentos hospitalares para reverter à situação, mas não resistiu e veio a óbito. Período que seus tios lutavam pela vida, no hospital, contaminados pelo coronavírus.

Decide então, retornar para Araguari, em Minas Gerais, em maio de 2021, com seu esposo e filho. Em junho e julho, já em Araguari, perdeu a cunhada na luta contra a COVID-19 e o sogro que sofreu um infarto, respectivamente. Todo esse processo triste e doloroso exauriu nossas forças e motivação na caminhada da formação superior, e o que não nos permitiu desistir do curso, foi à empatia dos colegas, em um primeiro momento, rede de apoio que se estendeu aos docentes do curso, que sempre compreenderam e buscaram nos incentivar a continuar. Concluir nossa graduação sempre foi uma meta, mas todos esses atravessamentos nos consumiram, mas as pessoas, todos da comunidade acadêmica e os colegas

discentes, nos ajudaram a perseverar até realizarmos nosso sonho em comum: de sermos licenciados em Artes Visuais.

A discente Jozilene Santana enfrentou o desemprego, uma situação financeira precária e para aumentar as dificuldades recebe a notícia que sua querida mãe foi contaminada pela COVID-19. Ela fica desesperada com a situação, pensando nas comorbidades de sua mãe: idade avançada e vários problemas de saúde. Seu último contato foi por meio de uma videochamada quando sua mãe foi transferida para o Hospital de Campanha de Brasília (Figura 19).

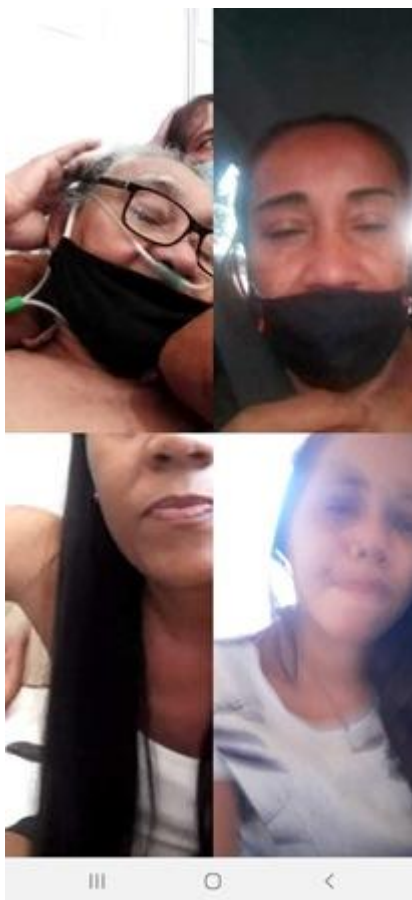


Figura 19: Imagem da última vídeo chamada com a mãe e irmãs.
Fonte: Acervo pessoal - Jozilene

Foram 12 dias de angústia, desespero, esperança, mas infelizmente Dona Chica, como todos a conheciam, não resistiu e veio a óbito no dia 08 de setembro de 2020. Além de todos esses obstáculos, em alguns meses a discente Jozilene Santana contraiu a COVID-19, ficou debilitada e com limitações de ordem física e mental, prejudicando mais uma vez seu processo formativo.

O discente Wellington Nunes enfrentou as mesmas dificuldades, em isolamento, passou a ser o único cuidador de seu pai de 89 anos doente com cardiopatia. Não conseguiu continuar suas atividades acadêmicas no primeiro

semestre de 2020, retomou no segundo semestre do mesmo ano e conseguiu refazer todas as disciplinas do 6º período que ficaram para trás, ficando algumas do 5º período. Mas no final de março de 2021, recebe a notícia que a família do seu irmão foi contaminada pelo coronavírus. A esposa do seu irmão juntamente com o sobrinho necessitam de cuidados médicos, se internam cada um em um hospital, por conta do colapso na rede de saúde. Nesse período não havia vagas em UTI, dificultando ainda mais o tratamento.

Contou com a ajuda de alguns familiares nos cuidados com o pai e com a família do irmão. Sua sobrinha que mora em Florianópolis - SC veio para auxiliar nos cuidados. Foi responsável pela internação dos três entes, cada um em um hospital, seu irmão e sua cunhada foram para UTI um dia após a internação. E seu sobrinho ficou internado na enfermaria, mesmo com seu estado agravando dia a dia, por não ter vaga na UTI, talvez por ser o mais jovem.

Mas infelizmente, depois de uma semana na UTI, seu irmão veio a óbito, um dia após sua esposa receber alta, no dia 13 de abril de 2021. Foi o último a ver seu irmão com vida, por meio de uma videochamada, minutos antes de ser entubado e o único a vê-lo sem vida ao reconhecer o corpo antes do sepultamento. Os mortos pela COVID-19 foram enterrados em sua maioria dentro de um saco plástico preto e com urna funerária trancada, tirando dos familiares um importante rito de passagem: o de velar seus mortos.

Seu sobrinho acompanha o sepultamento do pai por meio de uma videochamada, feita pela namorada. Recebe alta 3 dias depois. E passam a lutar pela vida com as sequelas do pós-covid. Onde o discente Wellington Nunes buscou auxiliar nas questões de saúde, financeiras e emocionais. Passados um mês e meio, seu pai adoece e se debilita, exigindo cuidados especiais de toda família por um mês. E o que tem ajudado é o apoio de todos, que não o permitiu desistir da conclusão desta importante etapa: concluir o curso de Licenciatura em Artes Visuais – EAD. Expor-nos desta forma, não recai em busca de preciosismo sentimental, é sobre o que é sermos humanos, sobre nossas afetividades, sentimentos, dificuldades e dores irreparáveis.

[...] nossa formação realmente vai sendo construída e determinada pelos caminhos teóricos e práticos que vamos percorrendo durante as nossas vidas. Não podemos deixar de considerar o contexto, o lugar, as cicatrizes que nossas vidas tiveram ao longo do tempo. Fomos marcados no construir das nossas trajetórias. Olhar para trás é uma forma de tentar perceber os vínculos, os elos entre as ações, muitas vezes distantes umas das outras, e

ter a satisfação de nos deparar com escolhas profissionais e posicionamentos na vida que dialogam entre si. Estes vínculos guardam no fundo a mesma essência - a procura e o encontro de situações que ligam Educação, Arte e Vida. (OLIVEIRA, 2011, p. 1145)

Nosso processo formativo está se consolidando entre teoria e prática, trajetórias e mudanças de percurso, pausas, pontos de interrogação, tristezas, desistências temporárias, afetos imprevistos, rede de apoio relevante para a continuidade dessa caminhada. Não há como desvencilhar a vida discente, da pessoal, assim como sabemos, por meio da experiência, que não há de forma alguma sermos dois: pessoal e profissional, tudo está interligado e o melhor caminho a seguir é o que nos mantém o foco dos nossos objetivos/sonhos e o reconhecimento de nossas limitações que norteiam quando a pausa deve iniciar antes de retomarmos nossas vidas.

Relatamos aqui esse momento delicado que ainda estamos vivenciando por entender que nossas histórias se cruzam com a de tantas outras. Entendemos que ao longo de nossa jornada fomos afetados drasticamente pelo coronavírus. Emocionalmente estamos tentando nos recompor e estamos, novamente, em processo de compreender que tipo de docentes seremos pós-pandemia. Perseveramos apoiando uns aos outros. Mesmo em meio de tantas tristezas sempre haverá espaço em nossas vidas para momentos felizes e bons, como foi ao nos reencontrarmos e aos colegas do curso para na prova do Enade - Exame Nacional de Desempenho de Estudantes, em Inhumas - GO, novembro de 2021.



Figura 20: Reencontro do Grupo para realização da prova do Enade – Nov. 2021.
Fonte: Acervo pessoal - Wellington

A pandemia teve impacto incalculável na vida das pessoas, evidenciou a pobreza existente no país, a falta de acesso à tecnologia e a importância da formação para trabalhar por meio de uso de tecnologias digitais. Além disso, esse momento nos mostrou a importância do processo de humanização do trabalho docente, de aproximação do estudante e de respeito às dificuldades que cada um enfrenta, e da escuta e da sensibilidade de olhar para o outro. Ainda estamos em processo de aprendizagem e compreender nossa identidade docente é parte de nossas necessidades. Enquanto estudantes, temos nos apoiados e optamos por caminhar juntos neste processo de finalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa identidade é um conteúdo sensível e nos revela os desdobramentos das nossas atividades docentes e discentes, transpõe o conhecimento puro e simples, transferido de forma vertical, como ocorria no ensino tradicional. LARROSA (2011) nos revela uma possibilidade aberta, incerta, nos fala das subjetividades produzidas no devir:

Se lhe chamo "princípio de subjetividade" é porque o lugar da experiência é o sujeito ou, dito de outro modo, que a experiência é sempre subjetiva. Trata-se, portanto, de um sujeito aberto, sensível, vulnerável ex/posto. [...] Supõe também que não há experiência em geral, [...] que a experiência é, para cada um, a sua, que cada um faz ou padece sua própria experiência, e isso de um modo único, singular, particular, próprio. (LARROSA, 2011, p. 07)

Neste trabalho buscamos refletir considerando nossas subjetividades, experiências como discentes, como futuros professores, como mulheres/homem, como cônjuges, como filhos(as), como cidadãos, e por fim, e não menos importante, como seres humanos.

A experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (LARROSA, 2002, p. 27)

Nesse processo de formação adquirimos um pensamento pedagógico, presente em uma conversa informal, na sala de aula, na maioria de nossas interações sociais. Mudamos também nossa conduta, postura diante da sociedade, compreendemos nosso lugar de fala, mas também ressalta a ansiedade de nos construirmos (profissionalmente) de forma sólida, no contexto das informações e conhecimentos, mas flexível ao ampliá-los e ao pensarmos na futura prática docente, dentro e fora da sala de aula, com sensibilidade suficiente, graças a pandemia, que nos fez parar e repensar nossas vidas. E nos inserimos em um universo empático e humano.

Podemos dizer que cada disciplina apresentada durante nossa formação teve um papel importante para nós, foram muitas aprendizagens e conhecimentos,

técnicas adquiridas ao longo desse período, o que nos fez refletir e pensarmos sobre sermos docentes.

São muitas as expectativas, dúvidas e anseios que carregamos conosco. As expectativas são sobre sermos futuros docentes capazes de estarmos em uma sala de aula e passarmos nossos saberes teóricos e práticos para assim formarmos alunos críticos, pensantes e sensíveis. As dúvidas são em relação ao futuro do ensino das Artes nas escolas, hoje podemos presenciar a diminuição da carga horária das aulas de artes visuais e temos essa preocupação a mais, é onde surgem os anseios de um futuro incerto, diante de tantos questionamentos e situações que envolvem o ensino das artes visuais no Brasil.

Para nós, toda a bagagem de aprendizado não tem relevância se não buscamos de alguma forma modificar nossa sociedade, nosso futuro. Buscamos dentro de nós a sensibilidade de sermos humanos, atentos à institucionalidade de nossos futuros locais de trabalho, na legislação vigente, na forma atual de conduzir a relação ensino/aprendizagem, motivados a ensinar e a aprender.

Enquanto professor e professoras vamos tentar passar confiança e segurança para que os alunos sintam-se bem para aprender. Entendemos a docência como um desafio fascinante. Percebemos que precisamos estar preparados para fazer com que o estudante descubra seus talentos muitas vezes encobertos, buscando em si próprio as competências para a solução dos problemas, como as relações atuais com as imagens e a cultura visual, revelando seu protagonismo na aprendizagem.

Como futuros educadores precisamos pensar e contextualizar nosso lugar de fala, cientes que ao desenvolver práticas educativas que possibilitem a aprendizagem da observação crítica do fluxo de imagens que bombardeiam nosso cotidiano colaboram para o olhar mais atento dos nossos futuros alunos, auxiliando para mudança de postura mais ativa e reflexiva. “Professores e alunos estão diariamente expostos à cultura visual e, como tal, são vulneráveis às imagens que o cercam”. (MARTINS, 2011, p. 21)

Deve se interessar por seus alunos, interagindo, intercambiando experiências. Ensinar bem não se consegue apenas com técnica, estilo, plano ou métodos específicos, sobretudo é um ato que exige envolvimento pessoal e emocional que durante o tempo que estivemos no curso aprendemos o saber subjetivo que nos revela nosso lado humano.

Não sabemos como esses novos caminhos se entrelaçam, nos sentimos capazes de iniciar nossa jornada profissional, compreendendo a dinâmica da educação institucional. Sabemos do déficit de arte educador na rede de ensino

público, e concurso público sempre foi um desejo. Em nossa trajetória reconhecemos o respaldo que o curso nos deu, ampliando nossas habilidades e competências como citado no Projeto Político e Pedagógico do curso:

O curso de Licenciatura em Artes Visuais deverá possibilitar aos egressos a formação profissional que revele as competências e habilidades para:

- I. interagir com as manifestações culturais da sociedade da qual toma parte, demonstrando sensibilidade e excelência na criação, transmissão e recepção do fenômeno visual;
- II. desenvolver pesquisa científica, artística e tecnológica em Artes Visuais, objetivando a criação, a produção, a compreensão, a crítica, a difusão, o ensino e o desenvolvimento da cultura visual;
- III. atuar, de forma significativa, nas manifestações da cultura visual, instituídas ou emergentes;
- IV. compreender o papel social das instituições educativas e os valores inspiradores da sociedade democrática;
- V. atuar em diferentes espaços educacionais e culturais, especialmente em articulação com instituições de ensino da Educação Básica e específicas de Artes Visuais, demonstrando domínio do conhecimento artístico e pedagógico que será socializado, capacidade para elaborar os significados em diferentes situações e realizar a articulação interdisciplinar;
- VI. estimular criações visuais e sua divulgação como manifestação do potencial artístico, meio de expressão e comunicação, objetivando o aprimoramento da sensibilidade estética dos diversos atores sociais.
- VII. compreender e usar as diferentes linguagens visuais como representação simbólica de culturas locais, regionais e nacionais, propiciando reflexão sobre a identidade como processo em construção;
- VIII. refletir sobre as artes visuais, suas linguagens, códigos e relações com a contemporaneidade e suas necessidades educacionais;
- IX. compreender a construção do imaginário coletivo como elemento representativo das culturas de cada época e de suas visualidades;
- X. aprimorar os processos de investigação e desenvolvimento profissional que possibilitem o aperfeiçoamento da prática artística e pedagógica, tendo por base princípios, conhecimentos, tecnologias e procedimentos acadêmicos. (PPC Curso de Licenciatura em Artes Visuais - EAD - UFG, 2014, p. 27-28)

Passamos a enxergar nossa formação como as primeiras páginas de um livro em construção. Remontar nossa trajetória, buscando os pontos que ligam nossas identidades, nossas subjetividades, nos carregou de valores e preceitos que vão além de nossa prática estudantil, além do que pensávamos quando iniciamos essa grande viagem. Chegamos a um leque de possibilidades, onde nossas peculiaridades são destacadas e essas vivências, experiências, nos mostraram que nossa responsabilidade é grande, principalmente em relação aos conhecimentos da nova legislação, do espaço de atuação a partir das dimensões institucional, pedagógica e sociocultural; à apropriação dos conhecimentos teóricos e metodológicos de artes visuais; aprofundando-nos na práxis educativa e na atualização contínua.

Nunca é tarde para retomarmos, pois vimos, por meio da universidade, do curso de Licenciatura em Artes Visuais - EAD, nossa transformação, mudanças de

postura, empatia e capacidades e habilidades sendo desenvolvidas, estimulando o pensamento reflexivo e nossa criticidade. Não importa o campo de atuação que vamos escolher ou ter a oportunidade de atuar, mas a postura, modos e meios que vamos atuar: com ética e com luta social por uma sociedade de oportunidades que assegure o desenvolvimento amplo dos nossos alunos ou daqueles que vão interagir conosco. Estamos nos formando para atuação docente em sala de aula, contudo, continuamos abertos a aprender, a continuar nessa jornada e aprimorar nosso conhecimento.

Relembrando com o pensamento de FREIRE (1996, p. 14):

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se "dispõe" a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A "discência" - docência-discência - e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por estes momentos do ciclo gnosiológico.

A partir desse pensamento, compreendemos nossa responsabilidade em busca de uma formação continuada. Todos os processos que passamos até agora, percebemos em nossa formação um entrelaçamento de novas possibilidades, mas a partir de práticas já conhecidas ou experienciadas. Nossa relação com as artes visuais vai além do fazer artístico, da reflexão, de consumir imagens/obras, ela passa também pela pesquisa teórica, metodologias, práticas pedagógicas, além de reconhecermos as relações escolares, como as institucionais, ambientais, sociais e claro aluno/professor.

Outro ponto que vale a pena ressaltar é das dificuldades individuais, que em nossas vidas foram relevantes para um baixo aproveitamento do ensino. No decorrer desse processo de formação, concluímos o quanto é importante ter um olhar cuidadoso, principalmente em um mundo tão heterogêneo, ser mais flexível e ter sensibilidade para sermos mais humanos, teremos assim a possibilidade de formar cidadãos mais completos, mesmo com suas limitações intelectuais, financeiras, discriminação, sejam quais forem, o professor tem a possibilidade de dialogar de forma geral, cumprir os conteúdos programáticos e contribuir na criação de formadores de opinião e cidadãos ativos dentro de nossa sociedade.

Há um movimento político da atual gestão federal, com o intuito de afastar as pessoas com o contato com a arte educação, pois um ser humano com

capacidade de pensar e refletir a atual situação do país não é bem vindo, muito menos tolerado. Cabe a nós, estudantes e os que já são professores, continuar lutando contra as injustiças sociais, contra a massificação de informações erradas, e principalmente, a favor de um mundo, um Brasil, uma sociedade mais igualitária e com oportunidades melhores para todos e todas que sonham por dias melhores. Seremos a resistência, assim como as artes visuais sempre buscou através de suas ações transformadoras o discernimento de seus produtores e espectadores.

As ações formadoras podem ser integradas ao cotidiano do professor, na escola ou em outros espaços, e ocorrer de forma participativa, tendo como eixo condutor a construção de sua autonomia, que pode ser acionada pela sua participação em um processo de trabalho com a arte, a partir do qual possa forjar propósitos pessoais para continuar sendo professor e ter a oportunidade de reconstruir seu projeto profissional. (MORAES, 2009, p. 3898)

Remontando e reconstruindo nossa trajetória criamos novos diálogos, nos reconhecemos durante o trajeto. Desvendamos tramas e construímos afetividades de amizade, fundamentações teóricas e práticas. Iniciamos o reconhecimento de nossas subjetividades e identidades, com um olhar para dentro de nós, que permitiu nos conhecermos melhor, revelando nossa capacidade, por meio dos conhecimentos apreendidos, competências e habilidades adquiridas. Nossa reflexão conjunta nos possibilitou que por meio da pesquisa reconhecer em nós a transformação intelectual, promovendo a superação das dificuldades, criando laços entre todos da universidade e os colegas de curso, principalmente a nós, que juntos, trabalhamos nesta pesquisa e criamos vínculos de amizade.

São os acúmulos dos conhecimentos anteriores, com o desejo de novos conhecimentos que vão suplantando uns aos outros, sem que nenhum deixe de valorizar uma fase ou um momento. Pensamos em uma dupla perspectiva para nossa atuação alunos/docentes e também professores/artistas, para que possamos nos realizar profissionalmente e promover nossos trabalhos docentes. Contudo nossa viagem está apenas começando, que possamos usar nossas novas habilidades sempre de forma ética e que vislumbre um futuro social melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Carla Juliana Galvão, BAUMGARTEN, Laylla Zanin, OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. A formação do professor de artes visuais na perspectiva do estágio supervisionado (p. 3429- 3442). **18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP – Transversalidades nas Artes Visuais** – 21 a 26/09/2009 - Salvador, Bahia.

ANDRADE, Carlos Alberto de Carvalho. Refletindo sobre a ambiência escolar e as redes de interações no processo de pandemia: alternativas construídas a partir do diálogo de educadores contemporâneos. p. 74-82. In: **Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia [recurso eletrônico]** / Organizadoras: RODRIGUES, J. M. C. SANTOS, P. M. G. dos. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. Disponível em: <<http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/educacao/reflexoes-e-desafios-das-novas-praticas-docentes-emtempos-de-pandemia.pdf>> Acesso em: out. 2021.

ARAÚJO, Anna Rita Ferreira de. Fundamentos da Arte na Educação. In: GUIMARÃES, Leda Maria de Barros; PEROTTO, Lilian Ucker. (orgs.). **Percurso 1**. 1ª ed. Goiânia, GO: [s.n], 2018. **Ebook (Coleção Percursos)**. Disponível em: <<https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/licenciatura-em-artes-visuais/modulo/1/002.html>> Acesso em 20 set. 2021.

BARBOSA, Ana Mae. A importância da imagem no ensino da arte no Brasil: diferentes metodologias. In: BARBOSA, Ana Mae (ed.). **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 27-82.

CORTELA, Mário Sérgio. “A Era da Curadoria: O que Importa é Saber o que Importa”. **Programa Café Filosófico CPFL: 29/01** | domingo | 22h | TV Cultura, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9CLXe6nzzgq0> Acesso em 20 ago 2021.

EISNER, Elliot Wayne. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? Stanford University, Estados Unidos. **Currículo sem Fronteiras**, v.8, n.2, p. 5-17, Jul/Dez 2008. Disponível em <<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>> Acesso em 10 set 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra (Coleção Leitura). São Paulo. 1996.

GOIÂNIA (GO). **Edital N. 28/2017 - Retificado pelo Edital Complementar N.1**. [Processo Seletivo 2017-2 da Universidade Aberta do Brasil (UAB) na UFG]. Universidade Federal de Goiás, Junho de 2017. Disponível em <https://centrodelecao.ufg.br/2017/ps_ead/editais.html>. Acesso em 22/09/2021.

GOIÁS. **Decreto 9633 [Dispõe sobre a decretação de situação de emergência na saúde pública do Estado de Goiás, em razão da disseminação do novo coronavírus COVID-19.]** Governo do Estado de Goiás. Secretaria do Estado da Casa Civil. Goiânia, março, 2020. Disponível em:

https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa_legislacao/103012/decreto-9633. Acesso em 15/10/2021.

GUIMARÃES, Leda. Arte, design e cultura visual do povo: uma conversa entre mulheres. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v.5, n.1, p. 117-129, jan/abril. 2018. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/74969>> Acesso em 06 set 2021.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, v.30, n.3, p. 413-438. set.-dez 2007.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Currículo e conteúdos específicos da Base Nacional Comum de Educação Infantil**. 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/Tizuko_Morchida_Kishimoto.pdf> Acesso: 15 out 2021

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p. 04-27, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>> Acesso em: set. 2021.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. [online], n. 19, p. 20-28. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt> . Acesso em: set. 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortez Editora. São Paulo, SP. 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. Os significados da educação, modalidades de prática educativa e a organização do sistema educacional. **Revista Inter Ação**, [S. l.], v. 16, n. 1/2, p. 67–90, 2018. DOI: 10.5216/ia.v16i1/2.55234. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/55234>>. Acesso em: 30 set. 2021.

MARQUES, I. O artista/docente: ou o que a arte pode aprender com a educação (3). **ouvirOUver**, Uberlândia, v. 10, n. 2, p. 230-239, 29 out. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32049>> Acesso em: set. 2021.

MARTINS, Raimundo. “Imagem, identidade e escola”. **TV Escola/ Salto para o futuro**. Rio de Janeiro, RJ. Ano XXI Boletim 09, agosto 2011, p. 15 a 21.

MARTINS, Raimundo; PEREIRA, Alexandre; CLIFFORD VALENÇA, Kelly Bianca. Um olhar ‘formatado’ - DOI 10.5216/vis.v6i1e12.18087. **Visualidades**, [S. l.], v. 6, n. 1 e 2, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18087>>. Acesso em: 5 out. 2021.

MORAES, Sumaya Mattar. Memória e reflexão: a biografia como metodologia de investigação e instrumento de (auto) formação de professores de arte. **18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP – Transversalidades nas Artes Visuais** – 21 a 26/09/2009 - Salvador, Bahia.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história

de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v.12, n.2. São João del Rei. p. 466-485. maio-agosto de 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/2454/1698> Acesso em set. 2021.

OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. Imagens da arte, educação e da vida: a construção de um percurso. **20º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP – Subjetividades, Utopias e Fabulações** – 21 a 26/09/2009 – Rio de Janeiro, RJ.

Projeto Político-Pedagógico do Curso de Graduação em ARTES VISUAIS – LICENCIATURA na Modalidade a Distância, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em <<https://ciar.ufg.br/p/33119-cursos-a-distancia>> Acesso em 30 set 2021.

ROCHA, Luís; COIMBRA, Joaquim Luís. As teorias do desenvolvimento da compreensão estética de Michel Parsons e Abigail Housen e as suas implicações educativas. **Revista Portuguesa de Investigação Educacional**, Lisboa, Ano V, p. 79-111. 2006. Disponível em: <http://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/RPIE/RPIE_5integral.pdf> Acesso em set. 2021.

SARAMAGO, J. **O conto da ilha desconhecida**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOURINHO, Irene. (p. 109-118) Metodologias-metáforas: um ensino da arte como cultura (não apenas) visual. In: . CHARRÉU, Leonardo; Oliveira, Marilda Oliveira de [orgs.]. **Desenredos Vol. 10 Pedagogias, Espaços e Pesquisas Moventes nas Visualidades Contemporâneas**, Goiânia: Gráfica da UFG, 2016. Ebook - (Coleção Desenredos; vol. 10). Disponível em: <<https://ebooksfav.droppages.com/livros/10livro/capitulo12.html>> Acesso em: 01 out 2021.

TOURINHO, Irene. “Cultura visual e escola”. **TV Escola/ Salto para o futuro**. Rio de Janeiro, RJ. Ano XXI Boletim 09, agosto 2011, p. 4 a 8.

TOURINHO, Irene. “Ver e Ser Visto na Contemporaneidade – As experiências do ver e ser visto na contemporaneidade: por que a escola deve lidar com isso?”. **TV Escola/ Salto para o futuro**. Rio de Janeiro, RJ. Ano XXI Boletim 09, agosto 2011, p. 9 a 14.

WOSNIAK, Fábio. LAMPERT, Jocielle. Arte como experiência: ensino/aprendizagem em Artes Visuais. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 258-273, mai/ago. 2016. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/74969>> Acesso em 06 out 2021.

ZAMPERETTI, M. P. Artes visuais e ensino remoto: paroxismo nas interações em tempos de pandemia. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 13, n. 29, p. 37-53, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/18977>>. Acesso em: out. 2021.